



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ARTUR MARTINS DA SILVA

**O DESENHO ANIMADO “OS SIMPSONS” COMO INSTRUMENTO
METODOLÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

CAMPINA GRANDE – PB

2015

ARTUR MARTINS DA SILVA

**O DESENHO ANIMADO “OS SIMPSONS” COMO INSTRUMENTO
METODOLÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

ORIENTADOR: PROF. ESP. DANIEL CAMPOS MARTINS

CAMPINA GRANDE – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

s586 Silva, Artur Martins da.
O desenho animado "Os Simpsons" como instrumento metodológico no ensino de Geografia [manuscrito] / Artur Martins da Silva. - 2015.
69 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Esp. Daniel Campos Martins, Departamento de Geografia".

1. Televisão. 2. Desenho animado. 3. Ensino de Geografia.
4. Recurso didático. I. Título.

21. ed. CDD 791.45

ARTUR MARTINS DA SILVA

**O DESENHO ANIMADO “OS SIMPSONS” COMO INSTRUMENTO
METODOLÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso
de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade
Estadual da Paraíba, como parte dos requisitos para
obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Aprovado em 06 de Agosto de 2015

BANCA EXAMINADORA


Prof. Esp. Daniel Campos Martins / UEPB
Orientador


Prof.ª Msc.ª Juliana Nobrega de Almeida / UEPB
Examinadora


Prof.ª Msc.ª Maria das Graças Oriques Ramos / UEPB
Examinadora

CAMPINA GRANDE – PB

2015

Dedico ao homem que sempre vai ser minha motivação e inspiração...

Meu eterno avô

Manuel Juvenal Martins

(Mané Vená)

Um homem simples, generoso e forte.

Que me ensinou a ver a vida com paciência e tranquilidade.

AGRADECIMENTOS

Nossa vida como também nossos projetos, desejos e sonhos são como uma verdadeira borboleta no seu processo de metamorfose no qual passa por vários momentos distintos de “um pequeno casulo até chegar ao momento ápice de uma exuberante BORBOLETA cheia de cores e vitalidade”. Para mim, fazer o Curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB foi como seguir as transformações pela qual uma borboleta passa a cada semestre uma evolução como estudante, profissional e pessoa, ia ganhando forma. E que principalmente Deus estava guiando meus passos até o momento tão esperando para um estudante universitário a “formação profissional”.

Agradeço a Deus por toda a força e perseverança que fizeram parte dessa minha jornada, pelas inúmeras vezes que confortou meu coração e não deixou que desistisse do meu sonho de ser professor e educador.

A minha família, o alicerce da minha vida que sempre me motiva a ser uma pessoa melhor, um agradecimento em especial a minha mãe Glória Maria Martins da Silva e meu irmão José Jonatas Martins da Silva, pelo sentimento de preocupação que tinham por mim quando ia estudar em Campina Grande, chegando por muitas vezes de 12:30h, 01:00h e 02:00h da noite torcendo para que a viagem fosse sempre tranquila.

Agradeço aos meus amigos e em especial a Isabella, Marcyane e Josemário pelo apoio e incentivo para correr atrás dos meus sonhos. Aos meus amigos de Curso, no qual dividimos cinco anos de dificuldades, problemas, tristezas, mas também de resenhas, brincadeiras e alegrias. Agradeço em especial a Edivania e Katiana por serem amigas que sempre me ajudaram e ampararam nos momentos de dificuldades. Vivemos momentos únicos e felizes que sempre guardarei no meu coração. Aos colegas de ônibus (Azulão) que fazia das viagens cansativas um momento de alegria e descontração, ao motorista do Azulão, Hildemar, por nos transportar diariamente com dedicação e profissionalismo.

Agradeço aos meus mestres professores do ensino fundamental, médio e superior que contribuíram para ser o que sou hoje. Mostraram para mim que a educação liberta e faz bem para a alma. Alguns professores que passaram pela minha vida são fonte de inspiração para que possa seguir a carreira docente (Luciana, Zé Pereira, Socorro, Darlene, Graça, Josandra, Daniel).

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização do meu sonho. Que Deus retribua com muito amor, saúde e paz. Agradeço a Universidade Estadual da Paraíba que vem contribuindo para a formação do povo, paraibano uma instituição que tenho orgulho de ter feito parte. Meu Muito obrigado!

RESUMO

SILVA, Artur Martins da. **O DESENHO ANIMADO “OS SIMPSONS” COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA**. Monografia de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina Grande - PB, 2015.

Por mais que o Ensino de Geografia tenha evoluindo nos dias atuais com novas ferramentas, tanto didáticas como metodológicas, é perceptível que a atitude do professor na sala de aula será o grande divisor de águas entre uma educação estática, parada no tempo, ou uma educação transformadora, aberta às novas fórmulas de comportamentos e ações. Por muitas vezes os recursos metodológicos apresentados como, o “novo”, não alcançam o objetivo esperado devido à maneira como são utilizados em sala de aula e especificamente no ensino de Geografia, uma vez que esta tem a influência da Geografia Tradicional que torna as aulas que deveriam ser inovadoras o “mais do mesmo”, nesse caso decorativa, numerativa e descritiva. Uma Geografia Tradicional que não se apresenta condizente com a realidade cotidiana dos estudantes na atualidade. Neste caso surge a televisão como recurso metodológico para o ensino de Geografia dada sua magnitude como meio de comunicação de massa. A televisão possibilita para os estudantes um conhecimento prévio sobre o mundo, mas que em muitos momentos não tem um teor educativo ou científico, cabendo ao professor ser o mediador entre esses conhecimentos. Dentro da programação televisiva os desenhos animados tem um espaço de destaque, já que são vistos diariamente por milhares de crianças e adolescentes sendo o primeiro contato destes com a televisão. Neste contexto o desenho animado “Os Simpsons” pode ser visto como um recurso metodológico para o ensino de Geografia dada a sua característica peculiar de utilizar temas dos mais diversos para compor seus episódios. O presente estudo tem por finalidade analisar o papel do desenho animado na construção do aprendizado em sala de aula. Dentre os objetivos está o papel e a importância do desenho animado “Os Simpsons” e o episódio “Feitiço da Lisa” como recurso metodológico para o ensino de Geografia, a capacidade de reflexão e criticidade que o desenho possa desenvolver nos estudantes. A expectativa é poder proporcionar aos educadores e estudantes um novo recurso que possibilita desenvolver a capacidade crítica dos estudantes e cidadãos a respeito dos meios de comunicação de massa que exercem uma grande influência em parte da população brasileira podendo proporcionar uma interligação com os conteúdos ministrados na aula como também um novo recurso metodológico para as aulas de Geografia.

Palavras – Chaves: Televisão, Desenho Animado, Ensino de Geografia, Simpsons.

ABSTRACT

SILVA, Artur Martins da. **THE CARTOON "THE SIMPSONS" AS METHODOLOGICAL INSTRUMENT IN TEACHING GEOGRAPHY**. Monograph in Full Degree in geography. CEDUC/UEPB, Campina Grande-PB, 2015.

As much as the Geography Education has evolved in the present day with new tools, so long as methodological, didactic is noticeable that the attitude of the teacher in the classroom will be the great watershed between a static stop education in time or a manufacturing education open to new formulas of behaviors and actions. For methodological resources often presented as the new can't reach the expected goal due to the way they are used in the classroom and specifically in teaching Geography since this has the influence of geography Traditional which makes the lessons that should be innovative "more of the same", in this case, numerativa and descriptive. A Traditional Geography that is not consistent with the everyday reality of students today. In this case the television as a methodological resource for geography education given its magnitude as a means of mass communication, the tv makes it possible for the students prior knowledge about the world, but in many instances does not have an educational or scientific content, and the professor to be the mediator between these knowledge. Within the cartoon television programming has a prominent space, since they are seen daily by thousands of children and adolescents being the first contact with the television. In this context the cartoon "The Simpsons" can be seen as a methodological resource for teaching Geography due to its peculiar feature of using the most diverse themes to compose his episodes. This study aims to analyze the role of the cartoon on construction of learning in the classroom. One of the goals is the role and importance of the cartoon "The Simpsons" and the episode "spell of Lisa as methodological resource for geography teaching reflection and critical capacity that the design can develop in students. The expectation is to be able to provide educators and students a new feature that makes it possible to develop the critical capacity of students and citizens regarding the mass media that exert a major influence on part of the population Brazil may provide an interconnection with the content taught in class as well as a new methodological resource for geography lessons.

Key words: television, cartoon, teaching geography, Simpsons

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Prt do Programa Google Eath	27
Figura 2: Meios de Comunicação mais utilizados no Brasil (PNAD -2013)	28
Figura 3: Momentos da Família Simpson no Brasil	36
Figura 4: Lisa no orfanato	37
Figura 5: Ronaldo em uma favela do Rio de Janeiro.	37
Figura 6: Família Simpson e seus mascotes	40
Figura 7: Família Simpson sendo representada culturalmente de varias formas	41
Figura 8: Localização do Município de Cuité no Estado da Paraíba.....	42
Figura 9: Localização da Escola na Zona Urbana de Cuité – PB.....	44
Figura 10: Bloco salas de aula	45
Figura 11: Salas de aula e ao fundo refeitório	45
Figura 12: Distribuição dos Estudantes no Município de Cuité – PB.....	47
Figura 13: Composição de Gênero da turma pesquisada	48
Figura 14: Aparelhos que possui em casa	49
Figura 15: Como você (estudante) considera as aulas em geral?	52
Figura 16: Utilização da sala de vídeo pelos professores?	52
Figura 17: Recursos utilizados em sala de aula pelos professores?	53

SUMÁRIO

INTRUDUÇÃO	12
1. A INSERÇÃO DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS DEBATES METODOLÓGICOS ATUAIS.	14
1.1 - Geografia Crítica: uma nova visão metodológica.	22
1.2 – A Utilização dos Recursos Didáticos na Disciplina de Geografia	25
1.3 – A Inserção da Televisão como Recurso de Ensino – aprendizagem	28
1.4 – Desenhos Animados: “O lúdico representando a realidade”.	33
2. A APLICABILIDADE DO DESENHO “OS SIMPSONS” EPISÓDIO FEITIÇO DA LISA COMO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA.	35
2.1 – Uma Análise Geográfica do Desenho Animado “Os Simpsons”	39
2.2 - Caracterizações do Espaço de Vivencia da Proposta	42
2.2.1 – A Escola.....	43
2.2.2 – A pesquisa e seus aspectos metodológicos.....	46
2.2.3 – Caracterização dos Estudantes.....	46
2.3 – Análise e Comentários da Pesquisa	49
2.3.1 – 1ª Momento: Observação.....	50
2.3.2 – 2ª Momento: Questionários e entrevistas	50
2.3.3 – 3ª Momento: O desenho animado na sala de aula e Exercício	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

A disciplina de Geografia sempre foi vista como sendo algo “decoreba” na qual seu objetivo era apenas a enumeração de fenômenos naturais ou sociais e a catalogação dos acidentes geográficos sem uma preocupação de reflexão ou interpretação de tais fenômenos. Somando-se a este pensamento a educação em alguns momentos e localidades seguia ou segue os mesmos passos de metodologias conservadoras que trata o educando como receptor de informações, um ser estático que não tem a possibilidade de construir o conhecimento ou refletir a cerca dele. O professor nesse sentido tem um papel de destaque na construção do conhecimento e apenas ele pode promover as mudanças necessárias para uma educação inovadora.

Mas é importante também compreender a realidade de muitas escolas espalhadas pelo país que possuem desde equipamentos de última geração (Datashow, quadro digital, televisões) a outras que contam apenas com quadro negro e o giz como únicas ferramentas de trabalho dos professores em sala de aula. Estes últimos se são comprometidos com a educação e com a disciplina de Geografia tentaram encontrar no cotidiano dos estudantes formas de driblar as carências deixadas pelos governos. Já a outra parcela de professores que tem acesso aos meios tecnológicos devem está atentos para não confundir o material tecnológico como nova e única solução se as metodologias continuarem tradicionais.

Mesmo com o avanço da informática, dos meios de comunicação e das novas tecnologias que podem promover novas práticas pedagógicas com um grande potencial extraclasse, se mal utilizadas pelo professor de Geografia podem perder seu sentido mais amplo de modernidade e retroceder para a velha Geografia Tradicional. A forma como será utilizada é o grande X da questão, não se pode ficar preso apenas a mostrar uma imagem, um vídeo, uma charge, uma música ou um desenho se não tiver um caráter crítico de análise e indagar sobre o que é visto. Todos estes mecanismos citados devem trazer entusiasmo, participação e dedicação da parte mais interessada que são os estudantes.

Assim, uma das ferramentas mais importante para o estudo de Geografia está numa fórmula simples que é trabalhar o cotidiano do estudante, suas vivências e o que ele tem com fácil acesso. É neste contexto que entra a televisão como meio de comunicação de massa e principal forma de entretenimento e lazer dos estudantes.

Trazer esta realidade para dentro da escola é dar um novo olhar para o que está na tela da televisão é poder contribuir com a criticidade e a reflexão. Dentro deste mundo televisivo os desenhos animados são a primeira via de contato das crianças e adolescentes com a TV. O lúdico dos desenhos animados se bem trabalhados pode contribuir e facilitar o entendimento dos conteúdos da disciplina de forma descontraída, mas sem perder a essência da aula de (aprender e ver o conhecimento de várias formas e percepções). Analisar e detectar as mensagens contidas nos desenhos animados desde sua composição visual até sua trilha sonora pode ser um grande exercício de percepção dos estudantes.

Como objeto de estudo o desenho animado “Os Simpsons” é um verdadeiro celeiro de discursões e debates para a sala de aula, o desenho retrata o estilo de vida dos norte americanos, mas com um tom de criticidade trata de temas atuais e que fazem parte do cotidiano das pessoas ao redor do mundo. Os episódios vão desde questões ambientais, culturais, sociais até os problemas da política interna e externa dos Estados Unidos ou de outros países. As experiências de vivência dos personagens com outros países e culturas de hábitos totalmente diferentes do que a deles reforçam estereótipos que precisam ser questionados e percebidos pelos estudantes.

Assim, o presente estudo tem como finalidade analisar a importância do desenho animado “Os Simpsons” e o episódio “Feitiço da Lisa” como recurso metodológico na turma da 2ª série da Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Orlando Venâncio dos Santos localizada no município de Cuité – PB.

Induzindo os estudantes a assistirem alguns episódios pré-estabelecidos do desenho animado pelo professor, a exemplo do episódio “Feitiço da Lisa”, o espaço para o debate e o diálogo pode ser bem aproveitado garantindo um bom momento de reflexão e criticidade entre professor e estudante. Assim, propondo um novo recurso didático para os professores de Geografia de fácil acesso e presente no dia a dia dos estudantes pretende-se garantir um ensino de Geografia que valorize o aprendizado consistente, mas que ao mesmo tempo seja descontraído e de fácil assimilação.

1. A INSERÇÃO DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS DEBATES METODOLÓGICOS ATUAIS.

A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une.

Milton Santos

A Geografia desde a sua formação até os dias atuais vem passando por um processo de renovação e transformação que foi iniciada pela Geografia Tradicional ou Clássica e perpassando pela Geografia Positivista, Quantitativa, Marxista, Moderna até os dias atuais com a Geografia Crítica, ficando evidente pela forma como o objeto de estudo e as práticas pedagógicas e metodológicas transcenderam de uma Geografia chata e enfadonha para uma Geografia útil, indispensável para a vida dos estudantes e que faz parte do cotidiano de cada um, nos dias atuais.

Perceber-se que houve uma evolução na definição dada à Geografia ao longo do tempo, passando de uma ciência que faz a descrição da Terra para uma ciência que estuda a distribuição dos fenômenos físicos, biológicos e humanos pela superfície da Terra até chegar a última definição como uma ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza. Sendo as duas primeiras definições dominantes no Brasil por séculos.

Ao construir uma linha do tempo da Geografia escolar no Brasil desde a sua inserção no país durante o período colonial, no império com a sua institucionalização curricular na escola e durante a República, bem como as práticas pedagógicas que fizeram parte destes momentos tão distintos para a formação da Nação, cria-se um momento de reflexão a cerca da ciência geográfica. Como foi inserida no Brasil e quais suas perspectivas? Essas indagações podem estar relacionadas ao processo de colonização e dominação.

A Geografia desembarca no Brasil com os primeiros colonizadores a fim de desbravar o novo território e usufruir dos recursos naturais encontrados em abundância,

uma Geografia não institucionalizada e sem teor científico também fazia parte da bagagem dos colonizadores.

Mas seria injusto negar que os povos nativos que já habitavam as terras brasileiras não praticasse Geografia, mesmo que primitivamente ou sem consciência nenhuma “eles viviam num espaço em que era necessário conhecê-lo para poder praticar suas atividades de subsistência e sobrevivência, muitas das tribos eram nômades não possuíam um lugar fixo característica que possibilitava conhecer novas paisagens, usavam de pinturas rupestres fator importante para sua localização e meio de informação com integrantes da mesma tribo ou de tribos diferentes”.

O contato com os portugueses trouxe a imposição de novos costumes, hábitos e a educação foi ferramenta fundamental nessa nova interação como também para a Geografia no Brasil. Uma junção de conhecimentos entre os povos nativos e os europeus era inevitável.

Durante o período de colonização a educação como também a Geografia no Brasil foi difundida por padres católicos responsáveis pela dominação intelectual dos povos nativos com o intuito de facilitar as relações com os colonizadores portugueses e disseminar a religião católica na colônia portuguesa.

Coube aos padres da companhia de Jesus o título de primogênitos na introdução da educação escolar em terras brasileiras. Foram eles que por volta da primeira metade do século XVI organizaram um sistema escolar, fundando instituições dirigidas para este objetivo. (PESSOA, 2007, p.30)

Esta educação dos padres Jesuítas seguia basicamente a cartilha utilizada nos países da Europa que estava totalmente voltada para as dominações de suas colônias na América, África e Ásia. Esse momento de desbravamento e ampliação de novas fronteiras também contribuía para o enriquecimento da ciência geográfica ensinada na Europa que ganhava novas descobertas ao redor do mundo.

O conhecimento geográfico foi significativamente ampliado com grandes descobertas marítimas, e a institucionalização da geografia, no chamado mundo ocidental, somente ocorreu com as expedições científicas pela África, América e Ásia sob o respaldo das associações geográficas e das academias europeias, que sistematizaram as informações coletadas pelos cientistas em suas viagens pelo mundo (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, p. 39 – 40. 2009).

Muito a quem da Geografia praticada na Europa, no Brasil esta Geografia era praticada pela Companhia de Jesus e não tinha um currículo que proporcionasse a independência da disciplina e que garantisse o distanciamento com os estudos específicos de acidentes geográficos da Europa e nomenclaturas da mesma. Pessoa (2007) afirma “os Jesuítas, transferiram para o Brasil um sistema educacional moldado tipicamente nos padrões europeus”. O papel destinado ao ensino de Geografia nesse período era o de apenas oferecer uma cultura geral aos alunos.

Ressalte-se, porém que não interessou aos Jesuítas, até por causa de seu currículo internacionalista, falar em suas aulas de uma geografia brasileira (seja desenvolvendo um estudo descritivo da colônia de então, seja trabalhando uma cartografia local). Inaugurava-se com eles, também, o ensino que somente se propunha a falar da geografia produzida por outros povos, característica tão marcante assumida por esta disciplina no Brasil (PESSOA, 2007 p. 31 apud ROCHA, 1996, p. 136)

Assim ficava evidente que a Geografia no Brasil tinha um papel secundário que pouco importava e que apenas reproduzia o desnecessário para quem vivia em terras brasileiras. Outro problema a ressaltar é que no Brasil não existiam cursos de formação para professores de Geografia sendo a disciplina ministrada nas escolas por pessoas de outras áreas de conhecimento como engenheiros, advogados, padres ou apenas por aqueles que tinham um conhecimento específico na área.

No campo da metodologia e das práticas pedagógicas geográficas o caráter descritivo e superficial fazia parte dos estudos e do desenvolvimento dos primeiros livros geográficos genuinamente brasileiros. Como na produção de compêndios, com destaque para a *Chorografia Brasílica*, do Padre Manuel Aires de Casal que servia de fonte para os professores da época.

Durante mais de meio século a Chorografia Brasílica serviu como modelo de exemplo a ser seguido para a grande maioria de autores de geografia, tornando essa de caráter venerável e profundamente respeitável. E, por essa razão os autores que se inspiraram na referida obra receberam por transmissão as graves deficiências conceituais e metodológicas, entre as quais podemos citar o uso excessivo de nomenclatura, a descrição exagerada de fatos, a ausência de explicações e a inexistência completa de mapas (PESSOA, 2007 p. 32)

Analisando o livro “O Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry”¹, a obra faz menção ao papel do geógrafo que se assemelha muito a visão que a sociedade tinha desse profissional tradicional e a produção dos livros de caráter enciclopédico e descritivo produzidos pelo mesmo, ficando evidente no diálogo entre os personagens do livro. Para elucidar, um breve fragmento da obra:

O sexto planeta era dez vezes maior. Era habitado por um velho que escrevia livros enormes.

- Bravo! eis um explorador! exclamou ele, logo que viu o príncipezinho.

O príncipezinho assentou-se na mesa, ofegante. Já viajara tanto!

-De onde vens? perguntou-lhe o velho.

-Que livro é esse? perguntou-lhe o príncipezinho. Que faz o senhor aqui?

-Sou geógrafo, respondeu o velho.

-Que é um geógrafo? perguntou o príncipezinho.

-É um sábio que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os desertos.

É bem interessante, disse o príncipezinho. Eis, afinal, uma verdadeira profissão! E lançou um olhar em torno de si, no planeta do geógrafo. Nunca havia visto planeta tão majestoso. (SAINT-EXUPÉRY, p. 10).

O exemplo acima citado configura qual deveria ser a função de um geógrafo, preso à catalogação de acidentes geográficos e a localização dos mesmos. Em relação à *Chorografia Brasílica*, do Padre Manuel Aires de Casal. A uma constatação dessa forma metodológica que servia de inspiração para outros autores e que evidenciaria as falhas adotadas por gerações futuras, conforme a análise de Pessoa (2007) “afirma-se assim que a profunda influência que teve a *Chorografia Brasílica* sobre autores de livros didáticos de geografia no Brasil foi tão negativa e retrocesso que serviu como poderosa barreira à penetração das renovações metodológicas presentes na geografia moderna”.

Todas as características metodológicas utilizadas nas produções literárias seriam reproduzidas nas salas de aula, dando a Geografia e aos professores da disciplina uma menor importância sendo à primeira vista sem utilidade nenhuma. Em outro fragmento da obra “O Pequeno Príncipe” a imagem do geógrafo é construída de forma errônea para os dias atuais, mas que para a época da dominação da Geografia Tradicional seria muito bem aceita:

¹ Por meio de uma narrativa poética, o livro busca apresentar uma visão diferente de mundo, levando o leitor a mergulhar no próprio inconsciente, reencontrando sua criança.

-O seu planeta é muito bonito. Haverá oceanos nele?

-Como hei de saber? disse o geógrafo.

-Ah! (O príncipezinho estava decepcionado.) E montanhas?

-Como hei de saber? disse o geógrafo.

-E cidades, e rios, e desertos?

-Como hei de saber? disse o geógrafo pela terceira vez.

-Mas o senhor é geógrafo!

-É claro, disse o geógrafo; mas não sou explorador. Há uma falta absoluta de exploradores. Não é o geógrafo que vai contar as cidades, os rios, as montanhas, os mares, os oceanos, os desertos. O geógrafo é muito importante para estar passeando. Não deixa um instante a escrivãzinha. Mas recebe os exploradores, interroga-os, anota as suas lembranças. E se as lembranças de alguns lhe parecem interessantes, o geógrafo estabelece um inquérito sobre a moralidade do explorador. (SAINT-EXUPÉRY, p. 10).

Fica notório que o próprio papel do geógrafo é questionado, tornando-se apenas um mero coadjuvante transgressor de informações deixando para o explorador a verdadeira característica de um geógrafo que vai à campo conhecer o seu objeto de estudo. No Brasil colônia a Geografia não era científica e o caráter enumerativo e descritivo dominavam as aulas, contaminando o ensino de geografia com práticas metodológicas engessadas, que exigiam dos estudantes apenas a memorização e nada mais.

A Geografia escolar só se institucionaliza no Brasil no período Império com a criação do Imperial Colégio de Pedro II localizado no Rio de Janeiro submetendo-se a um novo patamar como disciplina e fazendo parte do currículo escolar. Entretanto, a Geografia passa por poucas transformações na sua forma de ensino sendo puramente tradicional como no período colonial utilizada por uma pequena parcela da população elitizada, a qual tinha acesso à educação e que não desprenderia das velhas formas metodológicas:

Ensinava-se uma geografia muito semelhante àquela inspirada pela pena do padre Manoel Aires de Casal, que publicara, em 1817, sob patrocínio oficial, a *Corografia Brasília*, bem como àquela registrada pelas páginas da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Em outras palavras, uma geografia que, muitas vezes, não poderia ser, sequer, classificada como descritiva, dado que Aires de Casal não acompanhava os debates científicos da época, aos quais seus contemporâneos, Alexander Humboldt e Karl Ritter, os “pais da geografia moderna”, não eram alheios. Idêntica observação deve ser feita aos poucos trabalhadores de geografia publicados na mencionada revista, pois, embora vários se auto-intitulassem descrição, na verdade, tratava-se de trabalhos antes

baseados na nomenclatura do que na descrição científica. (PESSOA, 2007, p.34 apud VLACH, 2004, p.190).

Portanto, o ensino de Geografia ficaria preso à memorização como principal ferramenta de estudo e consequentemente técnicas de memorização seriam criadas para garantir a eficácia da retenção de informações das obras literárias que eram enciclopédicas criadas sem nenhum teor científico e que exigiam dos estudantes saber de fatos isolados. Durante o Império a Geografia escolar estaria fundamentada nas bases tradicionais de enumeração, descrição, mnemônica e principalmente longe da vivência dos estudantes.

Com o fim do Império no Brasil veio à República e consequentemente uma nova forma de aplicar a geografia escolar nas escolas, mas nada que fosse revolucionário nas aulas ministradas pelos professores que praticavam uma geografia chata e enfadonha, em contrapartida é nesse momento que a Geografia Moderna começa a ganhar espaço no ensino brasileiro. As reformas educacionais do Brasil durante a nova realidade da República foram ampliadas e a geografia escolar também passou por esse processo como cita (PESSOA, 2007, p. 40):

A primeira reforma educacional no período republicano foi planejada por Benjamin Constant em 1890. No que se refere ao ensino de geografia ficou estabelecido que o mesmo seria ministrado em todas as sete séries do ensino secundário integral distribuídos da seguinte forma: nos dois primeiros anos seriam ministradas três aulas por semana, com o seguinte programa para o primeiro ano: geografia física, especialmente do Brasil, exercícios cartográficos e noções concretas de astronomia. Para o segundo ano o programa compreendia os seguintes assuntos: geografia política e econômica, especialmente do Brasil, exercícios cartográficos e estudo complementar de astronomia concreta, ao passo que nos demais anos seria facultada a essa disciplina uma hora semanal para a revisão dos conteúdos já vistos anteriormente.

De 1890 a 1915, o governo da república promoveu reformas na educação e dentro dessas reformas estava a geografia escolar e o seu currículo. Mas o que se poderia observar é que quase nada mudou no teor metodológico da disciplina que ficou praticamente igual ao período colonial e imperial como aponta ROCHA, 1996, p.216:

No ensino de geografia o intuito fundamental será a descrição metodológica e racional da superfície da terra, por meio de desenhos, na pedra e no papel, copiados, mas nunca transfoliados, e de exercícios de memória referentes às cinco partes do mundo, aos países da América, especialmente ao Brasil, e aos da Europa, com a preocupação de evitar nomenclaturas extensas, dados estatísticos exagerados e tudo quanto possa sobrecarregar, quer no estudo de geografia física, quer no da geografia política e do ramo econômico.

O que se percebe é que houve continuísmo dos métodos de ensino sem nenhuma reflexão, questionamento ou criatividade. Os exercícios aplicados aos estudantes deveriam ser reproduções fieis do que estava escrito nos livros. Tornava o que poderia ser interessante e agradável em algo chato e muitas vezes punitivo para aqueles que não tinham uma boa capacidade de memorização.

Só na década de 1920 é que o ensino de Geografia conseguiria respirar novos ares com um caráter de modernidade, modesta de fato, mas que abriria espaço para discursões a cerca do ensino da disciplina. Somando-se ao seu ensino a inserção do nacionalismo-patriótico com o objetivo de disseminar os interesses daqueles que estavam no poder e o professor da disciplina desempenharia um novo papel nesse contexto.

Fica evidente, nesse encadeamento de ideias relacionadas à justificativa da ideologia do nacionalismo patriótico, a função que deveria ser atribuída ao professor de geografia: o de catequizador da juventude presente em nossas salas de aula. Essa análise nos faz perceber que o ensino-aprendizagem da geografia objetiva construir, no aluno, uma determinada imagem do território nacional, a “pátria amada brasileira”, patenteada pelas diferenças entre regiões, mas assumindo, sob a tutela do Estado, um destino desenvolvimentista marcado pelo progresso. (PESSOA, 2007, p. 44).

Além dessa nova função, a Geografia Moderna começava a ganhar espaço no cenário nacional com a colaboração de Carlos Miguel Delgado de Carvalho e seu livro *Methodologia do Ensino Geográfico: Introdução aos estudos de Geografia Moderna*. Na qual a Geografia deveria se desprender da descrição pela descrição e ser mais científica deixando de lado a nomenclatura.

Este método consiste em descrever a realidade estudada de forma objetiva, empiricamente comprovada, racionalmente exata, de maneira a inviabilizar dúvidas e contradições. Para tal, a indução, análise e síntese eram elementos cruciais, pois, descrevendo suas características principais após criteriosa observação, estabelecer-se-iam as relações que cada parte tinha com a outra e, somar-se-iam estas várias partes para se ter à noção do todo sistematizado. Eis, em rápidas palavras, o método científico, de fundamentação positivista-funcionalista, que os geógrafos brasileiros identificavam como único capaz de resolver os problemas da ciência e da sociedade brasileira. (PESSOA, 2007, p. 47 apud FERRAZ, 1994, p. 55 – 56).

Nesta nova etapa a Geografia segundo Delgado de Carvalho deveria estar preocupada com o cotidiano do estudante e suas relações de vivência, deixando de lado ou tratando rapidamente dos conteúdos que não tivessem ligação com o Brasil e consequentemente com sua realidade. Era um momento de ruptura que ganharia força

nas próximas décadas. Mas um fator importante deveria ser levado em consideração para promover as rupturas com a Geografia Tradicional e dar maior cientificidade a Geografia, à questão dos professores que ensinavam a disciplina não serem formados na área. Conforme Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) “no Brasil, a formação de uma Geografia com caráter científico efetivou-se a partir de 1930, ao serem criadas as primeiras faculdades de Filosofia, o Conselho Nacional de Geografia, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Associação dos Geógrafos Brasileiros (1934)”. Dessa forma pela primeira vez no Brasil surgiriam cursos superiores voltados para a formação de professores em suas determinadas áreas do conhecimento e produção científica.

A importância deste acontecimento é significativa para a propagação da orientação moderna de geografia escolar. Devemos lembrar que vários autores responsáveis pela historiografia existente sobre a ciência geográfica no Brasil são categóricos ao afirmar que a criação dos cursos de geografia, em nível superior inauguraram a fase moderna da geografia no país. Podemos perfeitamente afirmar que os(as) novos(as) professores(as) eram formados à luz dessa nova orientação e por ela muito influenciados quando assumiram postos nas salas de aulas, além do que, naquele período, começaram a surgir também manuais didáticos veiculadores dessa nova orientação. (PESSOA, 2007, p.54 apud ROCHA, 1996, p. 267)

É com o surgimento dos cursos de professores de Geografia que se tem pela primeira vez nas salas de aula profissionais habilitados a ministrar a disciplina de forma científica e pedagógica. Entretanto, mesmo com o avanço da formação docente alguns profissionais insistiam em continuar presos aos preceitos da Geografia Tradicional.

Vale salientar que as mudanças que o mundo passaria a enfrentar com a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e o pós-guerra forçaria transformações no ensino de geografia numa reavaliação do seu objeto de estudo, Já que a política, a sociedade e a economia entrariam num novo patamar nunca antes visto e se a Geografia continuasse meramente descritiva seria incapaz de explicar as transformações por qual o espaço viria a sofrer. A renovação e a criticidade deveriam ser palavras de ordem para as novas gerações de geógrafos.

1.1 - Geografia Crítica: uma nova visão metodológica.

A Geografia Crítica surge no cenário internacional e nacional como forma de superar as falhas existentes na Geografia Tradicional que, por se só, teria a capacidade de transformar esta ciência em uma ciência obsoleta e sem utilidade nenhuma. Em uma das obras literárias, mas importante para a Geografia Crítica, Yves Lacoste no livro *A geografia: Isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*, trás críticas contundentes sobre o papel da Geografia Tradicional que sempre esteve a favor das grandes potências e de suas políticas de dominação, pouco preocupada com as questões políticas e sociais que transformavam hábitos, costumes e comportamentos da população mundial ao decorrer dos séculos.

Em sua obra Yves Lacoste, indica que a Geografia subdivide-se em duas formas, a Geografia dos Estados-Maiores e a Geografia dos Professores na qual ele diferencia da seguinte forma:

A primeira se caracteriza como sendo de intensa utilidade para os estrategistas militares e para o controle do planeamento do Estado através das classes dominantes e na concessão de benefícios para as transnacionais e os grandes grupos financeiros. A segunda se caracteriza com base num discurso resultante de abstração, obscuro, vago, dificilmente compreendido, descritivo e cansativo, sobretudo dissimulando ideológico e político das benéfices que os detentores do poder granjeiam através do domínio da organização das estruturas e produção. Portanto, ao revestir-se dos atributos de um saber que enfada, aborrece, entedia, é que também se apresenta como simplista e aparentemente inútil, a “Geografia dos Professores” torna-se um instrumento de grande serventia para a manutenção do status quo. (PESSOA, 2007, p.60)

Ficava notório que a Geografia nesta subdivisão teria funções diferentes. A utilização dependeria daqueles que estariam no poder e conseqüentemente dar à Geografia dos Professores ou a Geografia Escolar um caráter inútil e desinteressante de catalogação e enumeração seria uma forma de respaldar a Geografia dos Estados-Maiores. Esse conflito em torno da ciência geográfica proporcionava uma desvalorização sem precedentes que seria sentida nas futuras gerações de geógrafos numa incessante tentativa de desconstruir a imagem da Geografia das elites, ferramenta de dominação e poder. Era necessário uma renovação da ciência e de seus pensadores, para dá novos ares de modernidade. Neste contexto os confrontos de ideias nas academias tornaria o primeiro passo para o fim da hegemonia da Geografia Tradicional e acesso da Geografia Crítica.

Os debates nas mais diversas esferas de ensino e pesquisa contribuiriam para a consolidação da Geografia Crítica. Como exemplo desse novo momento, estavam a criação das revistas *Antipode* e *Herodote* que contribuiria na disseminação e na construção de geógrafos engajados na criticidade.

Criticidade entendida como uma leitura do real – isto é, do espaço geográfico – que não omita as suas tensões e contradições, tal como fazia e faz a geografia tradicional, que ajude a esclarecer a espacialidade das relações de poder e dominação. E engajamento visto como uma geografia não mais “neutra” e sim comprometida com a justiça social, com a correção das desigualdades socioeconômicas e das disparidades regionais. A produção geográfica até os anos 70, afirma-se embora admitindo exceções: Réclus, Kropotkin e outros –, sempre tiveram uma pretensão à neutralidade e costumava deixar de lado os problemas sociais (e até mesmo os ambientes, na medida em que, em grande parte, eles são sociais), alegando que “não eram geógrafos”. (VESENTINI, 2004, p.223).

Era uma nova forma de fazer Geografia que buscava trazer para o centro dos diálogos o homem como agente transformador e produtor do espaço geográfico conciliando os estudos da Geografia Física com a Geografia Humana conjuntamente. Outro fator importante foi a atitude de envolver outros temas no estudo da disciplina, ampliando o seu horizonte e dando um caráter de utilidade nunca antes visto. Vesentini (2004, p. 223) afirma que “representou uma abertura para – e um entrelaçamento com os movimentos sociais: a luta pela ampliação dos direitos civis e principalmente sociais, pela moradia, pelo acesso a terra ou à educação de boa qualidade, pelo combate à pobreza, aos preconceitos de gênero, de cultura/ etnia e de orientação sexual”. A Geografia tornava-se capaz de questionar as mazelas da sociedade sem máscaras, evidenciada por Ruy Moreira (2008) “a Geografia serve para desvendar Máscaras Sociais”. E só na Geografia Crítica encontraria liberdade para novas metodologias e novos recursos didáticos para o avanço da ciência.

Portanto, a Geografia Crítica se propunha a abrir o espaço para novas metodologias que possibilitasse os debates, interpretações e reflexões sobre o mundo em volta:

A partir de uma abordagem epistemológica designada através de uma compreensão de mundo e da posição nele ocupada pelo homem, e não apenas de uma postura política ou ideológica. Desse modo, à(s) geografia(s) crítica(s) tem em si uma real possibilidade de explicação concreta do espaço geográfico atual a partir da utilização de suas categorias de análise próprias e não apenas de um discurso inflamado ou mesmo de uma retórica crítica que muitas vezes

pode se estabelecer através de um discurso primoroso, porém vazio de conteúdo. (PESSOA, 2007, p.64)

A Geografia Escolar tornava-se uma disciplina formadora de cidadãos que deveriam compreender o espaço a sua volta proporcionando uma consciência espacial. Mas, de acordo com Cavalcanti (1998, p. 128) “formar uma consciência espacial é mais que conhecer e localizar, é analisar, é sentir, é compreender a espacialidade das práticas sociais para poder intervir nelas a partir de convicções, elevando a prática cotidiana, acima das ações particulares, ao nível do humano genérico”. A construção do conhecimento geográfico como um todo sem subdivisões parcelares daria a consistência fundamental para a valorização da Geografia dinâmica entre a sociedade e o ambiente de sua habitação.

Dessa forma evidenciava-se o papel social da Geografia e suas áreas de atuação, que para Oliveira (2005, p. 142) “a geografia explica como as sociedades produzem o espaço, conforme seus interesses em determinados momentos históricos e que esse processo implica uma transformação contínua”. Consequentemente era importante trazer o cotidiano dos estudantes para essa nova realidade e proporcionar na fala de Pessoa (2007, p. 67) “a perceber o mundo em que habita, a perceber o espaço geográfico desde a menor até a maior escala de dimensão territorial”. Uma perspectiva do local e do global poderia mostra a dimensão das ações do ser humano no planeta reiterando a conexidade entre o social e o ambiental.

A Geografia Crítica quebrava barreiras trazendo um novo olhar sobre o mundo em constante transformação e o ensino deveria acompanhar essa nova atitude com metodologias instigantes, segundo Oliveira (2005, p. 143) “um ensino que busque incutir nos alunos uma postura crítica diante da realidade, comprometida com o homem e a sociedade; não com o homem abstrato, mas com o homem concreto, com a sociedade tal qual ela se apresenta, dividida em classes com conflitos e contradições”.

Em contrapartida não se poderia ter a ilusão de que trazer temas atuais, novos conteúdos e o cotidiano do estudante para as aulas de Geografia se as práticas metodológicas continuassem as mesmas, seria apenas uma Geografia Crítica mascarada, enganadora e vazia. Nesse sentido Vesentini trás uma reflexão:

Um ensino crítico da geografia não se limita a uma renovação do conteúdo – com a incorporação de novos temas/problemas, normalmente ligados às lutas sociais: relações de gênero, ênfase na participação do cidadão/morador e não

no planejamento, compreensão das desigualdades e das exclusões, dos direitos sociais (inclusive os do consumidor), da questão ambiental e das lutas ecológicas etc. ela também implica em valorizar determinadas atitudes – combate aos preconceitos; ênfase na ética, no respeito aos direitos alheios e às diferenças; sociabilidade e inteligência emocional – e habilidades (raciocínio, aplicação/elaboração de conceitos, capacidade de observação e de crítica etc.). E para isso é fundamental uma adoção de novos procedimentos didáticos: não mais apenas ou principalmente a aula expositiva, mas, sim, estudos do meio (isto é, trabalhos fora da sala de aula), dinâmicas de grupo e trabalhos dirigidos, debates, uso de computadores (e suas redes) e outros recursos tecnológicos, preocupações com atividades interdisciplinares e com temas transversais, etc. (2004, p.228)

Assim torva-se necessário uma nova prática para o Ensino de Geografia que visa-se atender as demandas da sociedade atual, além de proporcionar jovens capazes de fazer uma nova releitura dos seus espaços de vivência, podendo contribuir como agentes modificadores e críticos, verdadeiros cidadãos que só a Geografia Crítica com professores qualificados teriam capacidade de proporcionar.

1.2 – A Utilização dos Recursos Didáticos na Disciplina de Geografia

A Geografia por sua própria natureza disponibiliza-se de vários recursos didáticos que se bem utilizados podem contribuir para um aprendizado mais consistente e produtivo dos estudantes na sala de aula. Na coleção “como bem ensinar” constituída de vários textos e crônicas sobre o ensino de Geografia se faz referencias de como esses recursos devem ser usados, até mesmo como é citado em um dos textos a Geografia ciência “é uma das que mais rapidamente vem se modernizando, sobretudo com o avanço das investigações sobre a Terra enquanto planeta e por seu exame através de sensoriamento remoto” (Geografia e Didática, p. 39. 2010). Os recursos didáticos contribuem para uma compreensão maior do mundo em que nos rodeia e a Geografia esta inserida neste contexto. Segundo Oliveira (2012, p.12) “a utilização dos recursos didáticos, para uma maior compreensão da sociedade como o processo de ocupação dos espaços naturais, baseado nas relações do homem com o ambiente, em seus entrelaces políticos, sociais, culturais e econômicos.” Pode ser um chamariz para uma Geografia moderna e dinâmica.

A Geografia é dinâmica, porque o ser humano é dinâmico. É nesse sentido que os recursos didáticos utilizados no ensino de Geografia devem acompanhar esse ritmo de evolução. Trazer novos recursos didáticos para a sala de aula é livrar a Geografia das amarras do pensamento tradicional, mas com ressalvas, se o professor não estiver aberto

às novidades apresentadas a ele em nada os recursos didáticos surtirá o desejo alcançado. E principalmente se o professor não conseguir discernir como utilizar as ferramentas didáticas pode correr o risco de não alcançar os objetivos estabelecidos:

As indicações e sugestões sobre recursos e encaminhamentos metodológicos para o ensino de geografia existem em muitos livros, artigos e periódicos relacionados à educação. Porém, antes de nos entusiasmos com uma receita de atividade aparentemente interessante é preciso analisá-la, refletir sobre sua adequação à turma e à série, investigar todas as possibilidades que ela proporciona no que se refere aos objetivos de ensino a serem atingidos. Mesmo com toda a boa vontade, podemos incorrer inconscientemente em situações que colocarão por água abaixo todo o trabalho efetuado (FANTINI, 2010, p. 141)

Portanto, é imprescindível que somado aos recursos didáticos e novas metodologias o planejamento das aulas tenham uma consciência exata do que se pretende ser almejado. Conforme Fantini (2010, p. 141) “é preciso fugir da armadilha de aulas espetáculo, nas quais materiais são manuseados, observados, até construídos pelos alunos, sem que haja compreensão do que estão fazendo nem clareza dos objetivos daquela atividade.” São vários os desafios como também suas soluções, a Geografia abre um gigantesco leque de possibilidades para o seu ensino e para soluções inerentes aos problemas globais, regionais ou locais. Poder apresentar e compartilhar novos recursos didáticos e novas metodologias deve ser uma forma de fortalecer e aperfeiçoar as práticas pedagógicas em sala de aula. Andrade enfatiza:

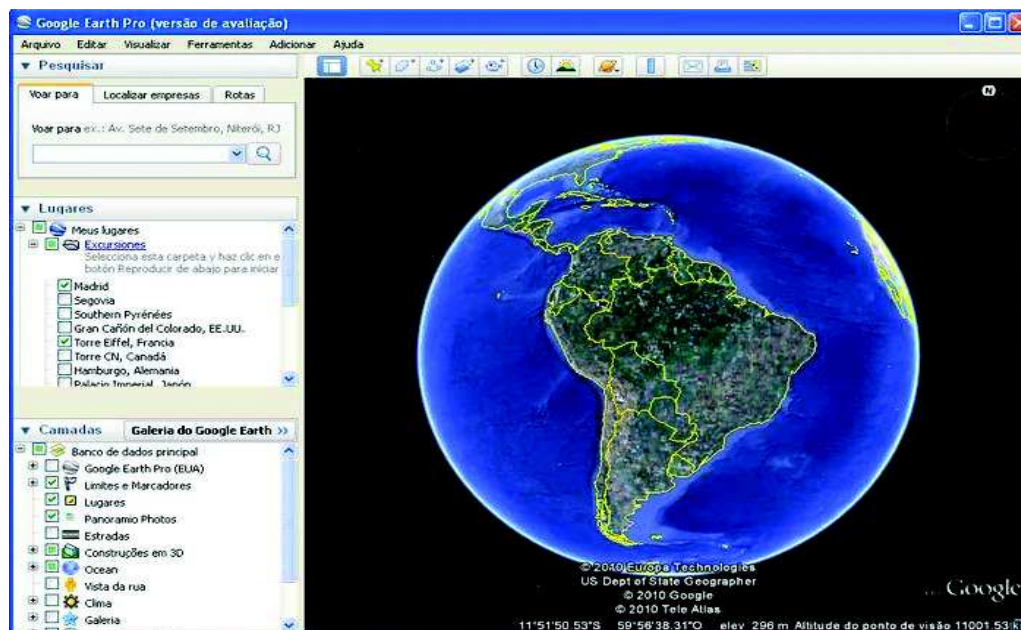
O geógrafo deve utilizar o seu potencial teórico, o domínio das técnicas modernas e o seu comprometimento com os altos objetivos nacionais para dar uma contribuição positiva à solução dos problemas do país. Ciência é também política, e o cientista deve saber por que é utilizada em favor dos interesses de quem ela é utilizada. (OLIVEIRA, 2012, p. apud ANDRADE, 2003, p.13).

No que se refere à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e seu curso de Geografia, com destaque ao componente curricular SIG – Sistema de Informações Geográficas é apresentado ao licenciando ferramentas extraordinárias para a prática docente em sala de aula. Nesse sentido dois programas atuais utilizados em computadores, o GOOGLE EARTH² e o QGIS são ótimas possibilidades para se trabalhar com os alunos.

O GOOGLE EARTH é um programa que permite viajar pelo mundo por meio de um globo virtual e visualizar imagens, mapas, terrenos, construções em 3D e muito mais via satélite. E o QGIS possibilita que o estudante crie seus próprios mapas

analisando desde elementos físicos como humanos na construção do espaço geográfico. Observando a figura 1 abaixo visualiza-se os recursos que o programa oferece:

Figura 1: Programa Google Eath



Fonte: Artur Martins (2015)

1. Na barra horizontal recursos como: a visualização de outros corpos celestes, movimentos de rotação, criação de polígonos, marcação de qualquer área do planeta.
2. Na barra vertical recursos como: pesquisa e banco de dados com várias identificações (exemplo: clima, estradas, lugares).

Essa ferramenta ajuda ao professor dimensionar as várias escalas do espaço geográfico, identificar elementos físicos e humanos do planeta, compreender o movimento de rotação e translação, entre outras utilidades. Diferentemente dos mapas que infelizmente são jogados por muitas vezes nos almoxarifados das escolas ou os livros didáticos renegados pelos estudantes. As novas ferramentas didáticas são uma luz no fim do túnel. Mas não devem ser compreendidas como a solução de todos os problemas.

² O Google Earth estar disponível em: <http://www.google.com/earth/index.html> e pode ser baixado por qualquer usuário da rede mundial de computadores.

1.3 – A Inserção da Televisão como Recurso de Ensino – aprendizagem

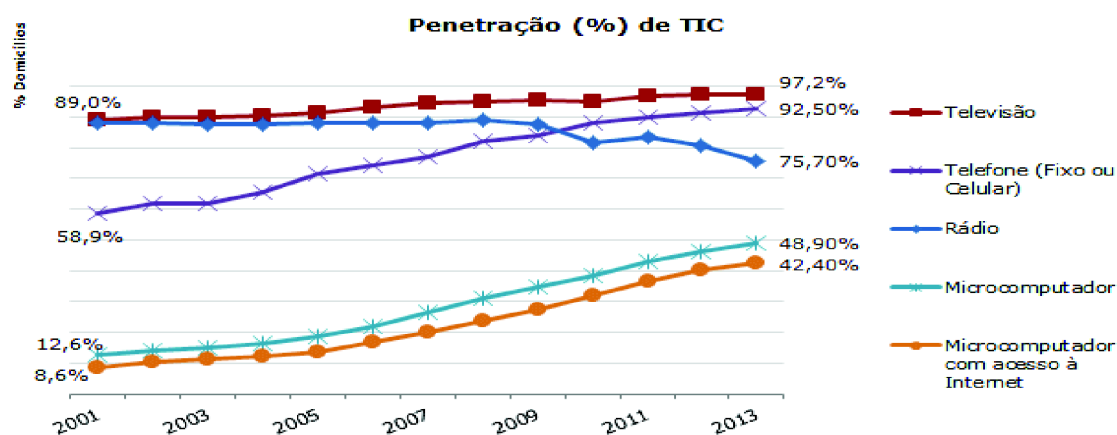
É incontestável que a Televisão em pleno século XXI continue sendo o principal meio de comunicação e entretenimento da população mundial fazendo parte do cotidiano de milhares de pessoas. Desde o seu surgimento até os dias atuais a Televisão vem passando por um processo de transformação tanto no aparelho em si como na programação exibida que é representada pelo avanço da sociedade moderna e suas novas demandas por mais entretenimento, lazer e informação.

No Brasil, a Televisão tem grande apelo popular e está presente em praticamente todos os domicílios, segundo Carlos (2010, p. 137) “o sentar-se em frente à TV já faz parte da rotina diária da população. Tornou-se um ato esperado, previsto, desejado e que marca firmemente os dias”. Duarte:

Num país onde mais de 100 milhões de pessoas veem televisão todos os dias, incluindo algumas dezenas de milhões que, vivendo abaixo da linha da pobreza, têm pouco ou nenhum acesso a bens culturais e/ou a uma educação de qualidade, é compreensível que a TV goze de considerável poder de penetração e exerça grande influência sobre opiniões, crenças e visões de mundo daqueles que com ela se relacionam mais intensamente, especialmente dos que a têm como única fonte de informação e de lazer. (2008,p.31)

A dimensão do papel da TV no Brasil fica evidente segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)³ que aponta em 2013 cercar de 97,2% dos domicílios brasileiros possuía Televisão, conforme gráfico abaixo:

Figura 2: Meios de Comunicação mais utilizados no Brasil



Fonte: <http://www.teleco.com.br/pnad.asp>

Os dados da PENAD (2013) constataam a predominância da Televisão na casa dos brasileiros, mesmo com o surgimento do Computador e seu avanço nos domicílios brasileiros durante os últimos anos. É importante ressaltar que a Televisão está em todas as camadas sociais e dentro deste universo representa aspectos sociais e culturais da população, oferecendo uma programação que representa a realidade do cotidiano das pessoas mesmo que às vezes de forma equivocada ou distorcida podendo ser indagadas por quem está na frente da TV. Outro fator a ser levado em consideração é a grande presença de crianças e jovens na frente deste veículo de comunicação e a média em que ficam sintonizados nos mais diversos programas.

Os membros mais jovens de nossa sociedade que se relacionam de modo mais intenso e extenso com a produção audiovisual realizada para cinema e televisão, o que provavelmente tem relação com o fato de, no Brasil, o tempo de permanência na escola ainda ser inferior ao desejável e onde atividades culturais e esportivas são, em geral, restritas a classes de maior poder aquisitivo. (DUARTE, 2008, p.18)

Mas, o que torna a Televisão um meio de comunicação tão aceito pela população mundial e principalmente brasileira? A resposta é muito simples, sua composição audiovisual. Como fica evidente no livro Salto para o futuro: TV e informática na educação (1998, p.12) “o audiovisual é uma linguagem, aparentemente, de fácil compreensão e elaboração porque parece muito familiar. A sociedade contemporânea está imersa numa enorme quantidade de imagens, nos seus mais diversos formatos”. Como evidencia o livro TV na escola e os desafios de Hoje:

A TV fala primeiro aos sentimentos, às emoções - “o que você sentiu”, não o que você conheceu. Essa frase procura explicar a maneira como a televisão nos aborda. Mostra que as ideias estão embutidas na roupagem sensorial, intuitiva e afetiva. A televisão mexe com o emocional, com as nossas fantasias, desejos, instintos. Observe que imagem, palavra e música integram-se dentro de um contexto comunicacional afetivo, de forte impacto emocional, que facilita e predispõe a aceitar mais facilmente as mensagens. (2002,p.26).

³ PNAD: Obtém informações anuais sobre características demográficas e socioeconômicas da população, como sexo, idade, educação, trabalho e rendimento, e características dos domicílios, e, com periodicidade variável, informações sobre migração, fecundidade, nupcialidade, entre outras, tendo como unidade de coleta os domicílios. Temáticas específicas abrangendo aspectos demográficos, sociais e econômicos também são investigados. (Disponível em: <http://www.teleco.com.br/pnad.asp>)

É nesse sentido que a Televisão deve ser compreendida como uma ferramenta educativa mesmo que esteja muito longe da sua principal finalidade que é a de apenas entreter. Trazer o universo televisivo para dentro da escola pode proporcionar uma visão crítica que antes se passava despercebida pelos estudantes. A linguagem audiovisual da Televisão é de suma importância como aponta o livro Salto para o futuro: TV e informática na educação (1998, p.14) “a linguagem audiovisual abre diferentes possibilidades e oportunidades educacionais. O mais importante, seguramente, não é descobrir as especificidades das técnicas, mas sim conhecê-las para utilizá-las pedagogicamente, fazendo delas instrumentos de criação, expressão e comunicação”. O grande diferencial que se pode destacar é que a produção televisiva já estar pronta, basta aos professores e estudantes capitar o que se é oferecido e se pode ser utilizado em sala de aula. Para elucidar uma citação do livro Geografia e perspectiva, no capítulo Escola e Televisão (2010, p.343):

Como a TV é feita para atingir diferentes camadas da população, diferentes aspectos da realidade social são por elas retratados. Se a escola quiser seguir outra lição que o método Paulo Freire ensina – a importância da representação icônica da realidade existencial -, não precisa sequer cuidar da elaboração de material visual. Ele já existe, independente dela, e a ela praticamente toda a população se expõe de forma regular e prazerosa (PONTUSCHKA, OLIVEIRA apud PENTEADO, 1991, p.111)

A relação que se cria entre a TV e o telespectador em sua grande maioria é de “transmissor e receptor”, na respectiva ordem. De acordo com Pontuschka, Oliveira, (2010, p.344) “sabemos dos efeitos que esse meio produz nas pessoas, principalmente a passividade, porque na relação entre meio e o receptor somente se expressa um desses elementos. O receptor recebe as informações, enxergando-as a partir dos elementos culturais que estão presentes em sua vida”. Criando aparentemente uma situação de alienação por parte de quem está atrás da TV, pouco preocupado em indagar por determinadas ações ou distorções que venham a aparecer nos jornais, novelas e desenhos animados. Para Carlos (2010, p. 136) “tendemos a ver aquilo que já nos chega como imagem, uma construção de outros, sossegadamente, em nossos lares, pelos aparelhos de TV.” Consequentemente em muitos momentos o sentido de inércia ao que se é apresentado na TV é a única atitude do telespectador.

Uma gama de informações é jogada diariamente ao telespectador, mas isso não significa que esteja realmente sendo informado. Como evidencia Carlos (2010, p. 139) “A informação requer uma consciência espacial, atualmente pouco desenvolvida. A

imagem é vista, a informação é dada, mas seu significado poucas vezes é compreendido.”

Nesse contexto é que o professor deve trazer o mundo da TV para dentro da escola e ser um mediador entre o que é apresentado pela TV com os conteúdos ministrados em sala de aula. É prioritário que professores e estudantes tenham atitude em relação ao audiovisual “entender a televisão e seu poder de persuasão e manipulação” (PONTUSCHKA, OLIVEIRA, 2010, p.344). É só essa atitude que pode tornar o audiovisual educativo ou não. A capacidade de criticidade e reflexão devem ser aguçadas, estimuladas tornando os jovens telespectadores conscientes. Mas, como aponta o livro TV na escola e os desafios de hoje o educador pode ter pela frente um grande desafio:

A distância existente entre as especificidades das aprendizagens realizadas a partir das mediações televisivas e as metodologias de ensino tradicionais de sala de aula constitui um grande desafio para o educador. Esse desafio pode ser encarado como um obstáculo intransponível. Diante dele a pessoa pode passar a ignorá-lo ou pode vê-lo como oportunidade para a realização de parcerias, integrando as práticas e os saberes escolares às possibilidades de aprendizagem oferecidas pela televisão. (2002,p18)

É importante ressaltar que as produções televisivas podem ser compreendidas como multidisciplinares, já que não retratam fatos isolados. Um mesmo filme, notícia, série ou desenho animado pode ser utilizado na disciplina de Geografia, História, Ciências, Português entre outras disciplinas dependendo do teor da produção.

Levando para o objeto de estudo da proposta (os estudantes) questionados a cerca da televisão e sua programação como uma possível ferramenta de ensino os pensamentos seguiram uma mesma linha. Quando indagados sobre se a televisão poderia ser utilizada como meio de educação os estudados da 2ª série do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Orlando Venâncio dos Santos responderam de forma bastante semelhante, abaixo algumas respostas dos estudantes sobre a pergunta:

- a) E1: “Sim, pois a televisão hoje em dia é formadora de caráter de opinião, e muitas vezes ela é tendenciosa e manipuladora onde mostra só o que é bom para seus interesses”.
- b) E2: “Sim, a partir do momento em que ela usa dos seus meios informativos para informar/educar sobre determinados assuntos. Isso

levaria a educação um exemplo disso é o desenho "Dora" que ensina matemática, inglês, as crianças".

- c) E3: "Sim, pois muitas pessoas vem TV todos os dias e seguem dicas e conselhos dados pelos programas"

É interessante analisar que quando se tenta relacionar a programação da televisão com a educação que é trabalhada na escola os estudantes ligam apenas ao poder informativo dos noticiários. A maior parte dos estudantes relacionaram os programas educativos como ferramenta metodológica e que a programação dita normal não tem nada a oferecer. Questionados sobre os pontos positivos e negativos da televisão os estudantes expressaram opiniões bastante semelhantes:

- a) E1: Positivos: programas educativos, noticiário para informações imediatas, e serve para conhecer coisas novas. Negativos: induz as pessoas a pensarem ou fazerem coisas por causa do poder de comando da mídia.
- b) E2: Positivos: Jornais, desenhos educativos, reportagens sobre o que está acontecendo no mundo, e muitas dessas coisas nos conscientiza. Negativos: programas com muita putaria isso na minha opinião é uma forma de influência para que os jovens façam aquilo (que não é certo).
- c) E3: Positivos: traz informações do que está acontecendo no mundo, é um entretenimento, conhecemos novas culturas e lugares. Negativos: impõe como devemos nos comportar, nos vestir, influencia demais em tudo.

Para os estudantes a televisão tem o poder de informar e apresentar novidades que acontecem no país e no mundo, nesse sentido não conseguem relacionar a programação como uma possível forma de ser utilizada como meio educativo. Já que não são rotuladas para esse sentido de educar. Sobre os pontos negativos os estudantes são enfáticos ao dizerem que a televisão tem um grande poder de alienação sobre a população, influenciado o estilo de vida das pessoas, como se devem comportar e agir. Como cita o E1: "influencia muito no nosso pensamento, na nossa maneira de viver". Já o E2 reforça o pensamento sobre os pontos negativos da TV dizendo que a "manipulação em costumes e opções políticas". Em um artigo publicado pela Revista Escola intitulado "Liguem a TV: Vamos estudar!" Qualquer programa de televisão pode ser usado na sala de aula para introduzir ou aprofundar conteúdos e para discutir valores

e comportamento, como no exercício respondido pelos estudantes o artigo faz um questionamento sobre o poder de manipulação da televisão, abaixo o trecho do artigo:

Com tantos recursos usados para emocionar e prender a atenção, será que a TV não pode se tornar mesmo um instrumento de manipulação de mentes? Sim, pode. Por isso, levar a televisão para a sala de aula implica também ensinar os alunos a vê-la com olhar crítico. Para Gilka Girardello, coordenadora do Ateliê Aurora, o fundamental é fazê-los entender que a televisão não é uma "janela para o mundo" como gostam de caracterizar os mais entusiasmados: "Ela é um recorte muito bem produzido e montado da realidade e não a realidade". ([HTTP://REVISTAESCOLA.ABRIL.COM.BR/formacao/liguem-tv-vamos-estudar](http://REVISTAESCOLA.ABRIL.COM.BR/formacao/liguem-tv-vamos-estudar))

Dentro do que é exposto cabe ao professor e aos estudantes repensar a forma de ver TV, trazendo um olhar crítico e questionador. Os estudantes devem ser estimulados a indagar sobre o conteúdo televisivo percebendo os artifícios que fazem desse meio de comunicação um dos mais utilizados em pleno século XXI.

1.4 – Desenhos Animados: “o lúdico representado a realidade”.

Os desenhos sempre fizeram parte da humanidade como uma forma de registrar momentos e situações fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, podendo ser considerada uma das primeiras formas de comunicação. Há exemplo dos homens das cavernas aos povos nativos espalhados nos mais diversos continentes do mundo os registros encontrados em formas de desenhos em cavernas, rochas, argilas e couro de animais expressavam um pouco da realidade vivida por esses povos em diferentes momentos da história. As grandes civilizações (egípcia, grega, mesopotâmica, espartana, ateniense entre outras) usavam desenhos como forma de perpetuar conhecimentos e experiências para as futuras gerações.

Quanto ao desenho animado e seu surgimento, remonta ao século XIX criado pelo francês Emile Reynaud⁴ utilizando um aparelho chamado de “praxynoscópio” espécie de projetor de imagens que possibilitava o movimento dos desenhos.

⁴ Charles-Émile Reynaud. Nasceu a 8 Dezembro de 1844 em Montreuil, Seine-Saint-Denis, França, e, faleceu a 9 de Janeiro de 1918, Ivry-sur-Seine, Seine (agora Val-de-Marne), França. Foi um professor de ciências francês, responsável pelos primeiros filmes projetados de desenho animado. Reynaud criou o *Praxinoscope* em 1877 e o *Théâtre Optique*, em Dezembro de 1888, e em 28 de Outubro de 1892, ele projetou o primeiro filme de animação em público, *Pauvre Pierrot*, no Musée Grévin em Paris. Este filme é também notável como o primeiro exemplo conhecido de película perfurada a ser utilizada.

Os primeiros desenhos animados nada se pareciam com os vistos hoje, eram produções voltadas ao público adulto e em preto e branco.

Com o avanço de novas tecnologias e as transformações da sociedade moderna os desenhos animados ganharam novo papel e função, passaram a ser instrumentos que caracterizam entretenimento e lazer para as crianças em período de ócio. Os desenhos animados ganharam cores, movimentos, formas e vitalidade. Possibilitaram viajar pelo mundo e em diversos mundos diferentes.

Os desenhos sejam animados ou não fazem parte do primeiro contato das crianças e adolescentes com a educação e com o mundo televisivo por sua característica lúdica e o poder atrativo de imagem. Sua capacidade de trabalhar a imaginação com as experiências de vivência tornam-se um solo fértil para novas práticas pedagógicas.

Os desenhos animados representam direta ou indiretamente a realidade de muitas crianças e adolescentes do mundo inteiro. Como evidencia Pontuschka (2010, p.196) “os desenhos revelam muito sobre a natureza do pensamento humano e a sua capacidade de resolver problemas, sendo o resultado de uma experiência vivida”. A realidade é apresentada de forma lúdica constituída de elementos que não fazem parte da realidade, mas que se somam ao vivido cotidianamente. Segundo Santos (2002) “trabalhar com os desenhos animados é trabalhar com novas formas de ver, compreender as ‘coisas’ e verificar-comprovar as próprias ideias”. Um ponto favorável do desenho animado é a sua possível utilização como ferramenta extraclasse. Como um complemento do que é visto na sala de aula.

É importante ressaltar que os desenhos animados abordam os mais diversos temas com aspectos que variam no tempo-espço proporcionando várias percepções podendo ser utilizadas como multidisciplinar, além de ser uma nova forma de trabalhar os (PCNs)⁵ poucos abordados em sala de aula e por muitas vezes sem nexos com os conteúdos das grades curriculares de cada disciplina.

⁵ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) são a referência básica para a elaboração das matrizes de referência. Os PCN's foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias. Eles traçam um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta; orientam os professores quanto ao significado do conhecimento escolar quando contextualizado e quanto à interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender.

O papel do desenho animado pode alcançar diversas finalidades, basta o professor captar os vários significados (culturais, sociais, ambientais, econômicos, políticos) expressados pelos desenhos animados.

Os desenhos animados são produções de fácil acesso que não podem ser desperdiçados, a linguagem das produções sempre condizentes com as faladas pelas crianças e adolescentes facilita a absorção de informações, os temas vistos nos desenhos animados devem ser motivos para reflexão e criticidade dos estudantes, devem propor e instigar a capacidade de cidadania, a desconstrução de conceitos pré-estabelecidos proporcionando um novo olhar a respeito da televisão e sua programação.

2. A APLICABILIDADE DO DESENHO “OS SIMPSONS” EPISÓDIO FEITIÇO DA LISA COMO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA.

O uso do desenho animado “Os Simpsons” como recurso didático metodológico, visa desenvolver de maneira lúdica, por meio do desenho animado, temas que fazem parte da grade curricular no ensino de Geografia. Seu uso contempla a realidade de muitos estudantes que, em horário de ócio, passam horas apreciando desenhos e animações.

A metodologia baseia-se na pesquisa qualitativa a partir da análise do desenho animado “Os Simpsons” no episódio “Feitiço da Lisa” quando a família Simpson viaja para o Brasil. Visando extrair conceitos que norteiam a disciplina de Geografia como (espaço geográfico, lugar e paisagem) além de temas voltados as questões culturais, sociais e ambientais. Quanto especificamente ao episódio “Feitiço da Lisa” em que o Brasil é apresentado com todos os estereótipos⁶ possíveis tanto sobre o país como também em torno do seu povo, fica notório a questão de princípios éticos e situações que envolvam a identidade cultural do povo brasileiro.

⁶ Pode-se definir **estereótipo** como sendo generalizações, ou pressupostos, que as pessoas fazem sobre as características ou comportamentos de grupos sociais específicos ou tipos de indivíduos. O estereótipo é geralmente imposto, segundo as características externas, tais como a aparência (cabelos, olhos, pele), roupas, condição financeira, comportamentos, cultura, sexualidade, sendo estas classificações (rotulagens) nem sempre positivas que podem muitas vezes causar certos impactos negativos nas pessoas. (Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociologia/estereotipo/>)

Na imagem abaixo, alguns momentos da família Simpsons no Brasil entre encantos pelas belas paisagens do Rio de Janeiro como o (Pão de Açúcar, Cristo Redentor e a Praia de Copacabana) aos problemas enfrentados pela violência e falta de infraestrutura das favelas cariocas. Que vão nortear o episódio.

Figura 3: Momentos da Família Simpson no Brasil



Fonte: Google Imagens

Sobre o episódio Feitiço da Lisa: “Os Simpsons” descobrem que sua conta de telefone é de \$400.00 por uma ligação para o Brasil e, portanto, não a pagam. Por isso, a companhia telefônica corta a linha da família. Lisa confessa que realizou as ligações a fim de descobrir onde está Ronaldo (menino órfão que Lisa estava ajudando). Diante disso, os Simpsons resolvem ir ao Rio de Janeiro. No hotel, os funcionários jogavam futebol com as malas dos hóspedes e no quarto os programas infantis eram impróprios.

Na periferia, as casas eram pintadas e infestadas de ratos. No Orfanato Dos Anjos Imundos uma freira disse que Ronaldo sumiu e os Simpsons começam a procurá-lo. Veja nas imagens a seguir que há um pouco da representação das favelas do Rio de Janeiro:

Figura 4: Lisa no orfanato.



Fonte: pt.simpsons.wikia.com

Figura5: Ronaldo em uma favela do Rio de Janeiro



Fonte: Google Imagens

Depois de irem à praia, Homer e Bart pegam um Táxi não licenciado e Homer é sequestrado. Bart foge. Enquanto Homer é mantido como refém na "Amazônia", Marge, Lisa e Bart tentam arranjar um modo de conseguir o dinheiro para resgatar Homer.

Num desfile de carnaval Ronaldo aparece como um dos atores do programa infantil e diz a Lisa que tem o dinheiro do resgate. Eles fazem a troca em um bondinho do pão-de-açúcar, que cai, graças a Homer. O episódio termina com Bart engolido por uma cobra jiboia festejando o Carnaval.

O desenho trás boas reflexões que se bem trabalhadas em sala de aula pode proporcionar bons debates e discussões a cerca do momento vivido pelo Brasil referente às manifestações de Junho de 2013 e Abril de 2015 pedindo mais justiça social, menos impunidade, menos impostos, menos corrupção e mais investimentos em saúde e educação. Além de questionar sobre os estereótipos construídos e ampliados sobre o Brasil e seu povo. Conhecimentos grotescos sobre a localização do Rio de Janeiro ou até mesmo sobre a língua falada no Brasil são evidenciados no episódio. A seguir trechos do episódio que podem ser questionados e podem servir como momento de indagação e reflexão sobre o Brasil:

- A. O momento em que Bart escuta aulas de espanhol num Walkman achando que no Brasil se fala espanhol;
- B. Lisa encontra um livro de Homer que diz: "Como pilhar o Brasil";

- C. “Bart assiste a um programa infantil” - Telemelões - onde a apresentadora usa uma roupa muito inadequada, com decotes ousados, e as dançarinas se esfregam sensualmente nas letras A, B e C.
- D. Quando Homer é sequestrado, os bandidos o levam para a *Amazônia*. Mas a *Amazônia* não se localiza no estado do Rio de Janeiro!

Os diálogos entre as personagens também podem proporcionar bons debates entre os estudantes. Abaixo alguns exemplos de diálogos dos personagens do desenho animado:

- A. Homer diz: "Então é a Terra do Contrário! Ladrão corre atrás da polícia, o gato tem cão."
- B. Marge diz: "Nossa, parece uma vizinhança chique!". Ao ouvir isso, Lisa, revoltada, diz: "Mãe, essa é a favela! O governo separa as famílias por suas cores de pele!". Marge diz: "Parece que funciona.", logo após, Bart diz: "É. Saca só os ratos." (Milhares de ratos coloridos andando pelas ruas.) Homer se aproxima e diz: "Nossa, eles parecem balinhas!"
- C. A mulher que vende sucos indaga, surpreendida: "Ronaldo?" Bart: "Conhece o Ronaldo?" e ela responde: "Ah, não, só distraí vocês, pra meus filhos poderem roubá-los."
- D. Assaltante 1: "Aê, mané! A Amazônia, mas vê bem, aproveita porque nós estamos queimando ela toda."
- E. Bart: "Oi! (Liga a TV) Vai começar o programa infantil preferido do Brasil, Telemelões." A apresentadora balança os seios em sentido horário e em sentido anti-horário. Marge desliga a televisão e Bart torna a ligar a televisão e a apresentadora está "ensinando" direita e esquerda, então, Marge e Lisa fazem um “Oh!” dando a entender que ela está mostrando os seios.
- F. Marge diz: "Ah, o seu pai teria adorado isso (carnaval)! As bebedeiras, a sexualidade ambígua..."

Dentro do que é visto nas imagens, situações e diálogos, a representação sobre o Brasil tem um caráter de críticas de representação, mostrando que o Brasil é um país sujo, violento, corrupto e selvagem. Que o país vive seus 365 dias do ano em pleno carnaval, que a impunidade abre as portas do país para os estrangeiros fazerem qualquer

delito sem punição, que as mulheres brasileiras vivem usando minúsculos biquínis, que todo o país só tem um bioma a Floresta Amazônica, que as favelas são apenas sinônimo de pobreza e violência, que a corrupção está impregnada em todos os setores da sociedade e que o futebol é apenas o único esporte praticado no país.

É bem verdade que algumas características fazem parte da nossa identidade cultural como Nação, mas é importante poder distinguir o que é real do que é distorcido só para poder chamar mais atenção. O desenho torna-se riquíssimo justamente pela capacidade de criticar sem pudores, retratando a essência da identidade cultural e social do Brasil.

2.1 – Uma Análise Geográfica do Desenho Animado “Os Simpsons”.

O desenho animado “Os Simpsons” é uma famosa *sitcom*⁷ animada norte-americana criada por Matt Groening para a rede de televisão Fox. A série é uma paródia satírica do estilo de vida da classe média dos Estados Unidos, simbolizada pela família Simpsons, que consiste nos personagens Homer Jay Simpson, Marge Simpson, Bart Simpson, Lisa Simpson e Maggie Simpson. A série se passa na cidade fictícia de Springfield e satiriza a cultura e a sociedade norte-americana como também mundial, a televisão e vários aspectos da condição humana. Mas, quem são os personagens e quais suas características? Bom, a série se passa em torno da família Simpson, uma típica família suburbana Norte-Americana.

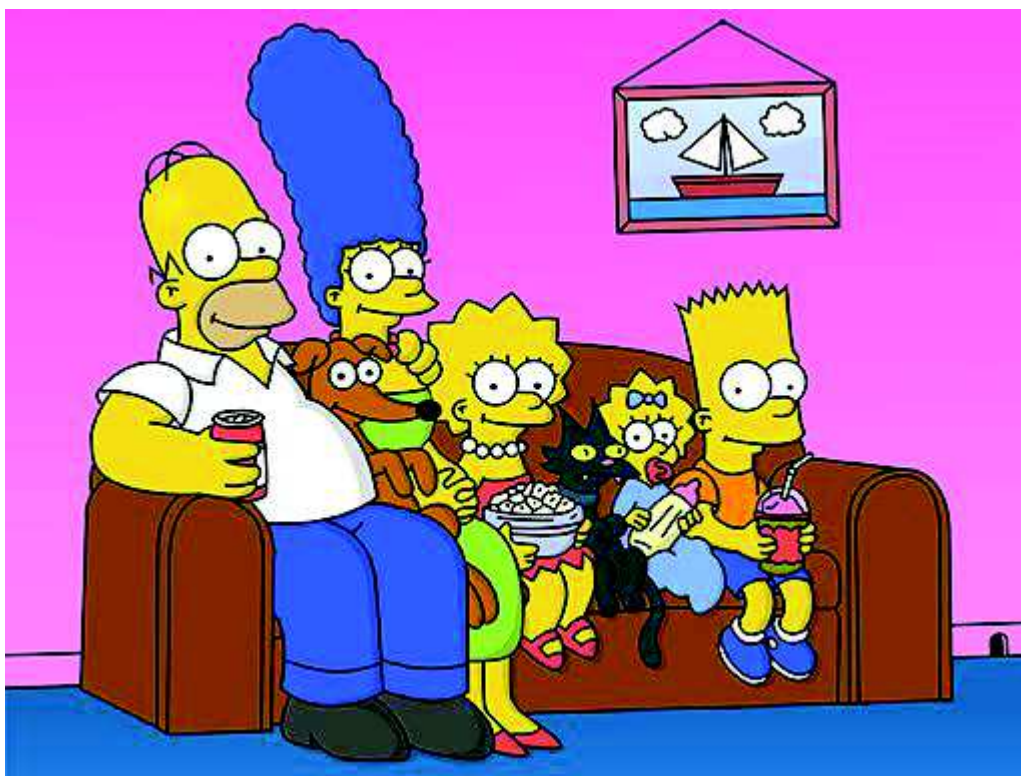
O pai Homer Simpson, é um cidadão Norte-Americano comum, obeso, é o incompetente inspetor de segurança do *Setor 7G* da Usina Nuclear de Springfield.

Sua esposa Marge Simpson, é a dona de casa, tem 3 filhos com Homer Simpson que são:

⁷ Sitcom - uma série de gênero, que se originou nos Estados Unidos na segunda metade do século 20 e frases curtas: uma comédia de situação. Como regra geral, comédia - uma sequência de pequenas cenas, mas são mescladas em uma única parcela, e são acompanhados por um riso fora da tela. Hoje, sitcoms são muito populares na televisão. O tiroteio teve lugar nos pavilhões, que construiu o cenário para o show, mas o processo ocorre na presença de espectadores, cujo riso é ouvido fora da tela. Este gênero de séries de TV é o mais rentável para os estúdios. (Disponível em: <http://respostasprontas.com>)

O filho mais velho Bart Simpson, um garoto rebelde de dez anos, estudante levado da Escola Primária de Springfield. Lisa Simpson, garota prodígio, melhor aluna da Escola Primária de Springfield, Budista, vegetariana, que adora tocar saxofone. E Meggie Simpson, filha mais nova, um bebê que não fala, extremamente inteligente que adora sua chupeta.

Figura 6: Família Simpson e seus mascotes.



Fonte: www.robolaranja.com.br

O diferencial do desenho animado “Os Simpsons” a outros desenhos animados é a sua característica crítica e sarcástica sobre fatos culturais, sociais, econômicos e ambientais da vida das pessoas e sobre o cotidiano delas, seja norte americana ou não. Críticas contundentes que proporcionam reflexões acerca do comportamento humano com a natureza ou com diversas culturas e suas peculiaridades.

O desenho tem a capacidade de extrair a essência do estilo de vida de outras culturas identificando crenças, valores, hábitos que dão a identidade de um povo ou Nação. Em vários episódios, países são representados a partir de suas identidades nacionais e consequentemente os estereótipos são utilizados para caracteriza-los. Como

se ver na imagem abaixo, a representação da família Simpson trajada de indianos, jamaicanos, mulçumanos e até em trajes espaciais como mostra a Figura 7:

Figura 7: Família Simpson sendo representada culturalmente de varias formas.



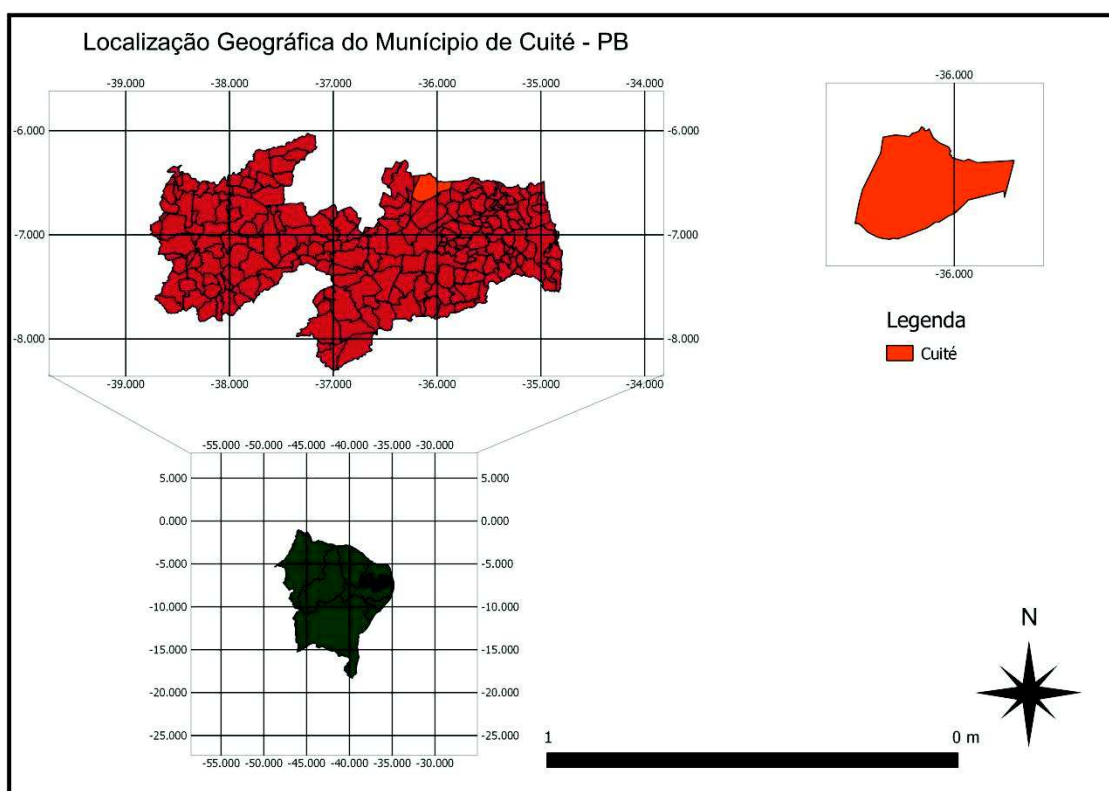
Fonte: Google Imagens

Além de retratar estilos de vida, diferentes culturas ou problemas da política externa norte-americana, o desenho animado tem a capacidade de inserir fatos atuais do noticiário aos episódios. É um desenho “antenado” no que ocorre no mundo. Dentro desse contexto, esse desenho animado não é muito bem quisto por muitos países do mundo exemplo da China e Coreia do Norte com governos opressores e antidemocráticos sendo censurado ou não exibido nos respectivos países. As viagens que a família Simpson faz para vários países do mundo como Índia, França, China, Marrocos, Tanzânia, Holanda, Islândia, Itália, Reino Unido, República da Irlanda, Suécia, Israel, Austrália, Taiti, Peru, Aruba, Cuba, Canadá, Brasil, entre outros, podem proporcionar um conhecimento prévio sobre questões da Geografia Humana e Geografia Física voltados às paisagens, regiões, lugares, culturas, impactos ambientais, conflitos e valores, enriquecendo ainda mais as aulas de Geografia.

2.2 - Caracterizações do espaço de vivência da proposta

O município de Cuité, com área de 758, 6 Km² localiza-se no extremo norte do estado da Paraíba, entre as coordenadas 6° 29' 06" S e 39° 09' 04 " W. Inserido no semiárido nordestino e estando localizado na Mesorregião da Borborema e Microrregião do Curimataú Ocidental, limita-se ao Leste, com Cacimba de Dentro e Barra de Santa Rosa; a Oeste, Nova Floresta, Nova Palmeira, Pedra Lavrada e Picuí; ao Norte com o Rio Grande do Norte e ao Sul com Cubati. Em relação a Campina Grande tem uma distancia de 117 km e 235 km de João Pessoa, capital paraibana (IBGE, 2000) (Figura 8)

Figura 8: Localização do Município de Cuité no Estado da Paraíba



Fonte: Artur Martins (2015)

Em relação às condições geológicas e geomorfológicas, o espaço onde se insere o município de Cuité representa uma área de cobertura sedimentar sobre o Planalto da Borborema com altitude em torno de 667 metros (IBGE, 2002). A topografia é muito acidentada, pois faz parte de uma cadeia de serras, que entre as quais se destaca a serra de Cuité, onde se localiza a cidade, passando pela cidade de Nova Floresta, que se estende até o município de Picuí, no Seridó Paraibano Oriental.

O ponto de partida para a configuração do espaço geográfico urbano de Cuité foi à doação de terras da serra de Cuité feita por Caetano Dantas Correia e sua esposa Josefa de Araújo Pereira em 17 de Julho de 1768 para a construção da capela de Nossa Senhora das Mercês, dando assim início ao povoamento com seus primeiros habitantes. A construção da capela se deu entre os anos de 1810 a 1820.

A cidade tem uma feira livre que ocorre tradicionalmente as Segundas-Feiras no espaço chamado “Arraial da Serra” local preparado para essa atividade, onde são vendidos desde produtos agrícolas a eletrônicos. Esse espaço também é conhecido como praça de eventos.

As festividades juninas também são organizadas no Arraial da Serra. A Prefeitura Municipal de Cuité patrocina todo o evento que conta com cerca de 6 dias de festas para toda a população. Com isso ganhou o título de melhor São João do interior da Paraíba. Aproveitando o clima frio e nevoento da cidade, os turistas comparecem nessa época, cerca de 10 mil visitantes.

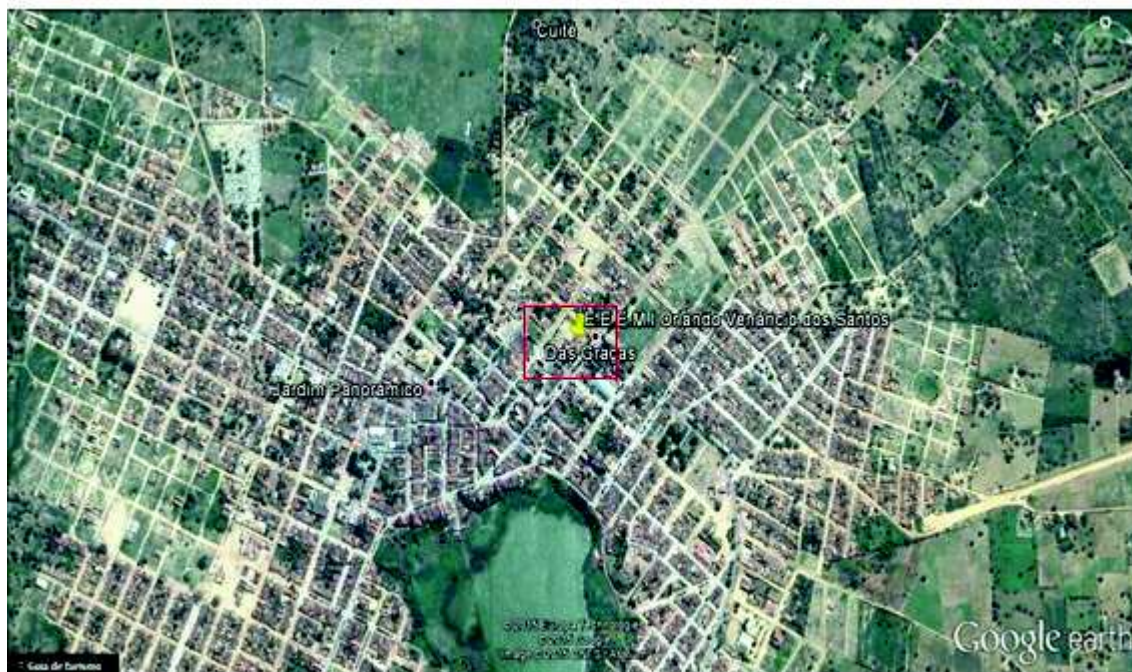
Na Semana Santa, vários eventos acontecem no município, além dos promovidos pela igreja católica, há também a encenação da Paixão de Cristo, no Olho D'Água da Bica considerado o maior teatro ao ar livre da Paraíba. O grupo responsável pela apresentação é apoiado pela Secretaria de Cultura do Município, que conta com cerca de 400 atores. Cerca de dez mil fiéis, de toda região, comparecem as apresentações. É no Olho D'Água da Bica que está localizado também o campos da UFCG em Cuité, campos esse que vem promovendo a urbanização da parte periférica da cidade como é o caso do bairro do Tambor e valorizando imóveis nos bairros vizinhos. Hoje Cuité destaca-se na região por sua importância política, sendo assim a maior e, mais desenvolvida cidade da região. É a cidade pólo com a 4ª Gerência Regional de Ensino e a 4ª Gerência Regional de Saúde do Estado da Paraíba.

2.2.1 – A escola

A Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Orlando Venâncio dos Santos foi fundada em 09 de Outubro de 1970 sendo uma das escolas mais antigas e importantes da cidade de Cuité. Hoje esta Escola possui um espaço físico invejável, com dois blocos com 25 salas de aulas, uma biblioteca, um laboratório de informática, um laboratório de Ciências, uma sala de multimídia, um refeitório, sala de direção, sala de coordenação, sala dos professores, secretaria, uma cisterna de captação de água da chuva. (Apêndice

A) está em construção mais um bloco com laboratórios voltados ao ensino de Matemática e Física. A Escola ainda conta com um grande espaço físico utilizado para uma horta escolar e cultivos de árvores nativas do Bioma Caatinga e uma área que será utilizado para a construção de uma quadra poliesportiva.

Figura 9: Localização da Escola na Zona Urbana de Cuité - PB



Fonte: Google earth

Segundo dados obtidos pela direção da Escola, no ano de 2015 estão matriculados 889 alunos que estudam entre a modalidade Ensino Médio Inovador⁸ nos turnos da manhã e tarde e o EJA (Educação de Jovens e Adultos) no turno da noite. Em relação ao quadro de professores são atualmente 41 professores e 22 funcionários entre efetivos e contratados. Em relação à disciplina de Geografia são três professoras duas efetivas e uma contratada.

⁸ O Programa Ensino Médio Inovador- ProEMI, instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, como estratégia do Governo Federal para induzir a reestruturação dos currículos do Ensino Médio. (Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>)

No ano de 2012 a Escola aderiu ao Programa Ensino Médio Inovador que tem como objetivo apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de ensino médio, ampliando o tempo dos estudantes na escola e buscando garantir a formação integral com a inserção de atividades que tornem o currículo mais dinâmico, atendendo também as expectativas dos estudantes do Ensino Médio e às demandas da sociedade contemporânea. Assim, foi criado Macro campos com a finalidade de os estudantes poderem desenvolver projetos de caráter científico. Assim, a estrutura física da Escola teve que se adaptar a nova demanda do ensino médio inovador.

Figura 10: Bloco salas de aula.



Fonte: Artur Martins (2015)

Figura 11: Bloco salas de aula ao fundo refeitório



Fonte: Artur Martins (2015)

A Escola conta com parcerias com a UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) Campus – Cuité, com projetos desenvolvidos pelo PIBID e PIBIC nas disciplinas de Biologia, Física, Química e Matemática. Além de receber estagiários da área de licenciatura para pagar os componentes curriculares voltados ao Estágio Supervisionado.

Os Estudantes da escola participam das Olimpíadas de Português, Matemática e Física obtendo sempre bons desempenhos. Comparece aos jogos escolares do Curimataú com a maior delegação de estudantes. Estes estudantes se organizam e fazem parte do movimento estudantil tendo um Grêmio Estudantil. Em relação ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM – 2014) foram aprovados 42 estudantes, tanto em Universidades Públicas como em Privadas.

2.2.2 – A pesquisa e seus aspectos metodológicos

A pesquisa se desenvolveu seguindo o método estruturalista (observação generalista de um grande número de fenômenos para entender como estão às partes de um todo, expondo o desenho animado “Os Simpsons” ao comportamento crítico e reflexivo dos estudantes), dialético (interpretação dinâmica e totalizante da realidade, fatos não podem ser considerados fora de um contexto social, político ou econômico, perceber a realidade e o cotidiano dos estudantes representado no desenho), indutivo (conhecimento fundamentado na experiência, generalização deriva de observações de casos particulares da realidade concreta, induzir os estudantes a assistir o desenho animado “Os Simpsons” verificando aspectos geográficos e expressando através de diálogos, debates e atividade) e fenomenológico (percebendo que a realidade não é única; é construída socialmente, existem tantas realidades quanto foram suas interpretações e comunicações, a aplicabilidade de questionários e atividades aos estudantes como forma de expressar suas vivências e realidades).

Os dados obtidos fizeram parte de uma pesquisa qualitativa, com observação in loco, utilizando-se de questionário, do desenho animado “Os Simpsons” e dialogando com os estudantes. Em um momento da aula ministrada foi utilizado o espaço de expressão de opinião por parte dos estudantes. Um momento para poder analisar a capacidade de diálogo e percepção dos estudantes em relação ao episódio Feitiço da Lisa. (Apêndices B e C).

A caracterização dos estudantes da pesquisa foi realizada com base em dados obtidos pela direção da Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Orlando Venâncio dos Santos como também por questionários respondidos pelos estudantes da 2ª série C da referida Escola.

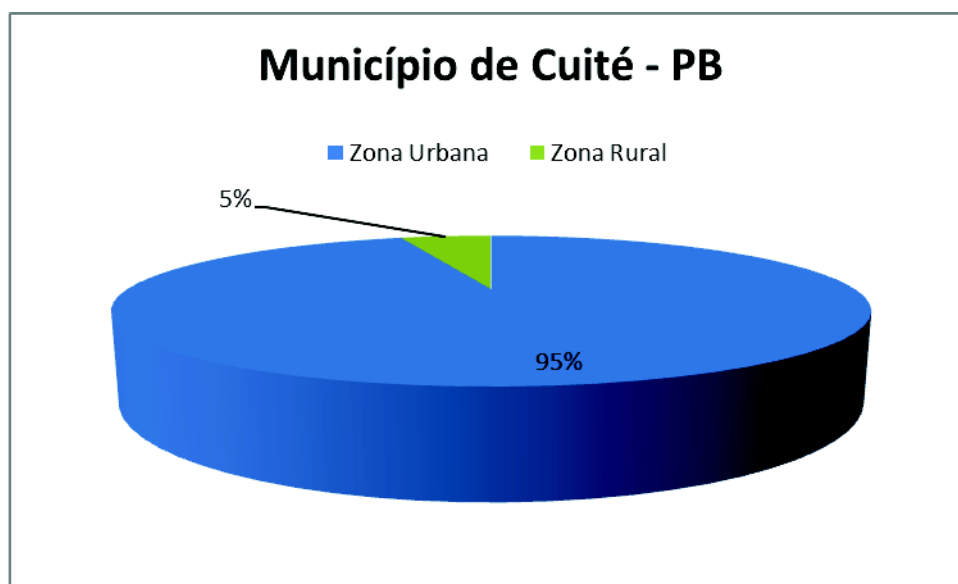
2.2.3 – Caracterização dos estudantes

Para caracterizar os estudantes, sujeitos da pesquisa, foram utilizados dois questionários, um socioeconômico e o outro educacional, na tentativa de construir um perfil desses estudantes que retrate a realidade onde eles vivem.

Os estudantes estão devidamente matriculados no período diurno – manhã e tarde (integral) na E.E.E.M.I Orlando Venâncio dos Santos. Foram entrevistados 39 estudantes de uma turma da 2ª Série da respectiva Escola, que responderam aos

questionários (ver Apêndices B e C) de forma bastante receptiva. Dentre os estudantes e sua distribuição no Município de Cuité – PB, (95%) residem na Zona Urbana, enquanto (5%) moram na Zona Rural como mostra a Figura 12.

Gráfico 12: Distribuição dos Estudantes no Município de Cuité - PB

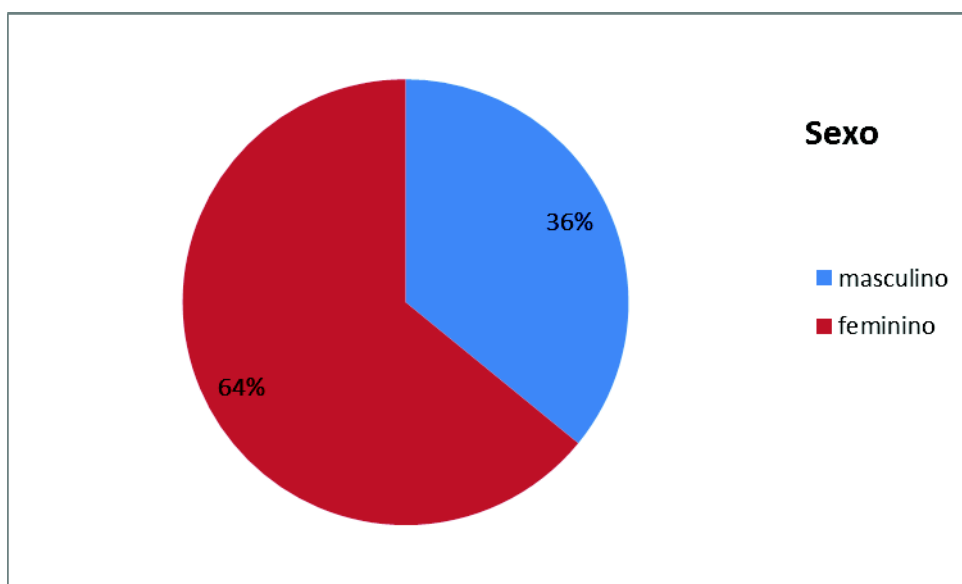


Fonte: Artur Martins (2015)

Fatores como a falta de escolas na Zona rural que ofereçam o ensino médio e os grandes períodos de estiagem (seca) levaram parte da população rural migrar para a Zona Urbana em busca de melhores condições de vida e acesso aos serviços públicos como educação e saúde, conseqüentemente a maior parcela de todas as turmas da escola é constituída de estudantes da Zona Urbana. Os estudantes que ainda residem na Zona rural utilizam o transporte escolar diariamente para este fim. As refeições de café da manhã e almoço são realizadas na cantina da Escola. Os estudantes que residem na Zona Urbana da cidade têm a opção de almoçar em suas residências se assim desejarem.

Dos estudantes sujeitos da pesquisa, como mostra a Figura 13, a maior parte da turma constitui-se do sexo feminino (64%), já o sexo masculino representa (36%) da turma. Uma característica que também pode ser percebida em relação às outras turmas da referida escola é a predominância do sexo feminino nas salas de aula.

Gráfico 13: Composição de Gênero da turma pesquisada



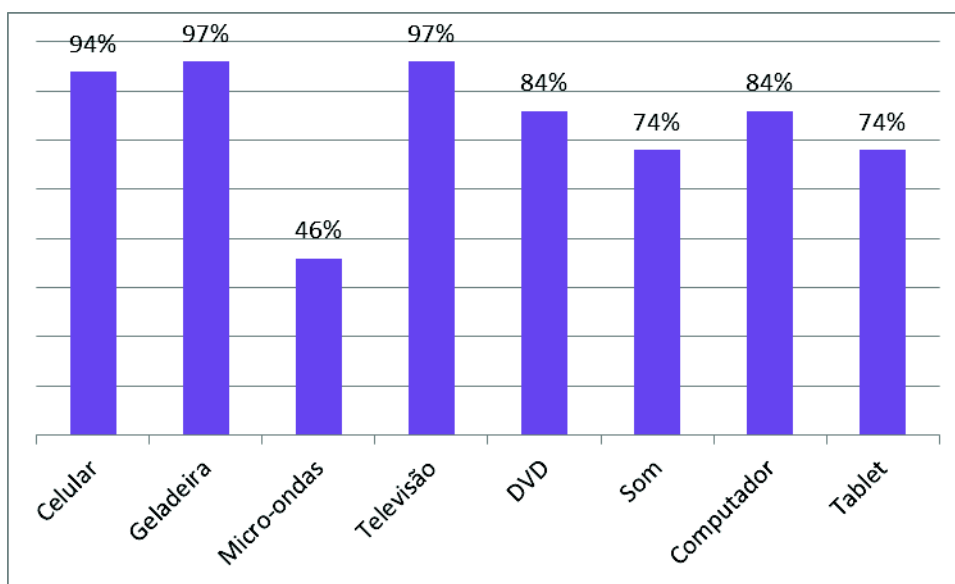
Fonte: Artur Martins (2015)

Em relação ao mercado de trabalho (97%) dos estudantes não estão inseridos em atividades de trabalho, fator relacionado principalmente ao Ensino Médio Inovador que é integrando com macro – campos no turno da manhã e aulas regulares no turno da tarde impossibilitando que os estudantes tenham uma atividade empregatícia.

Quanto à renda familiar destes estudantes (54%) responderam que a renda familiar é de dois ou mais salários mínimos e (23%) responderam que vivem com um salário mínimo representando a realidade de pequenas cidades do interior do Brasil e da Paraíba cujas atividades de emprego estão nos órgãos públicos do município e do estado. A falta do setor privado ainda é um fator que proporciona o desemprego principalmente dos jovens.

Em relação aos aparelhos domésticos que possuem em casa, há uma constatação se comparados com os dados da PENAD (2013) ou com dados atuais de 2014 que mostra a dominância quase que absoluta da televisão nos lares brasileiros. Nas residências dos estudantes pesquisados a televisão faz parte de (97%) igualmente com a geladeira que também está em (97%) dos lares. Em seguida, vem o aparelho celular com (94%), ressaltando que geralmente em cada residência mais de um membro da família possui celular. (Figura 14).

Gráfico 14: Aparelhos que possui em casa



Fonte: Artur Martins (2015)

Quanto ao computador que vem ganhando espaço nos lares brasileiros o que podemos ver na imagem anterior é que em (84%) das residências dos estudantes possui computador, percentual elevado se comparado com os dados da PENAD – 2013 indicando que em apenas (48,90%) das residências brasileiras possui computador. A tendência é de crescimento dado à importância dessa ferramenta na atualidade.

2.3 – Análise e Comentários da Pesquisa

A pesquisa obedeceu duas etapas distintas. Na primeira um levantamento bibliográfico sobre novas metodologias no ensino de Geografia e o papel da televisão como ferramenta didático metodológico, com destaque principalmente para os desenhos animados. Assim proporcionando um conhecimento prévio a cerca do objeto de estudo.

No segundo momento a aplicabilidade de questionário: socioeconômico (Apêndice B) para conhecer um pouco da realidade vivenciada pelos estudantes criando um perfil das suas famílias e um questionário: Educacional (Apêndice C) criando um perfil educacional dos estudantes tentando identificar o que é oferecido pela escola, pelos professores em sala de aula e as perspectivas dos estudantes com a educação. Exercício (Apêndice D) para verificar o que foi assimilado pelos estudantes quando foram expostos a assistir um episódio do desenho animado “Os Simpsons”. Além de poder abrir um momento de diálogo e debates a cerca das polêmicas tratadas pelo desenho.

2.3.1 – 1ª Momento: Observação

Para observar a reação e o comportamento dos estudantes durante a apresentação do desenho animado “Os Simpsons”, pode-se verificar um sentimento de curiosidade a respeito do que seria visto. Tornou-se um momento de novidade, pois foi quebrando em apenas uma só aula a rotina vivenciada pela turma. Os estudantes mostraram-se interessados e instigados a ver o episódio até o fim.

Ao longo da exibição do desenho animado risadas tornaram-se frequentes, perceptível pela veia cômica abordada por este desenho. Nada que pode prejudicar a compreensão dos estudantes por parte das mensagens imbuídas no episódio. Um momento de descontração tomou conta da turma mostrando que a aula poderia ser prazerosa, distanciada do ensino conservador e pouco aberto a novidades.

2.3.2 – 2ª Momento: Questionários e entrevistas

Conhecer sobre a vivência e o cotidiano dos estudantes objetos da pesquisa possibilita entender um pouco do universo que os rodeia e suas perspectivas em relação aos estudos, carreira profissional e família. É importante ressaltar que estes estudantes vivem num pequeno município do Estado da Paraíba (Cuité), que atualmente segundo estimativas do IBGE (2014), possui uma população em torno de 20.312 hab. Tendo em vista que a maior parte dos municípios brasileiros de pequeno porte não oferecem muitas oportunidades de lazer para os jovens. Questionados sobre como costumam se divertir? e em que locais? As respostas são bastante semelhantes, geralmente o momento de lazer e divertimento fica restrita a própria casa acessando a Internet, assistindo à filmes ou recebendo amigos para conversar ou saindo para os poucos estabelecimentos comerciais e espaços públicos que a cidade possui a exemplo de: quiosques, praças, sorveterias, lanchonetes e pizzarias.

E₁: “Em casa, na Escola, com os amigos, assistindo filmes, usando a internet”.

E₂: “Saindo com os amigos. Casa de amigos, pizzaria, lanchonete”.

E₃: “Com os amigos, indo a casa de amigos, acessando a net, indo em algumas lanchonetes, piscinas”.

Questionados sobre o que fazem no tempo livre novamente as respostas se mostraram semelhantes, sendo a internet, a televisão e o convívio com os amigos a

principal maneira de passar o tempo livre. Como fica evidenciado em algumas respostas abaixo:

E₁: “Assisto TV, estudo, saio com amigos ou familiares entre outros”.

E₂: “Vou passear, conectar a internet, ir a casa de alguém da família”.

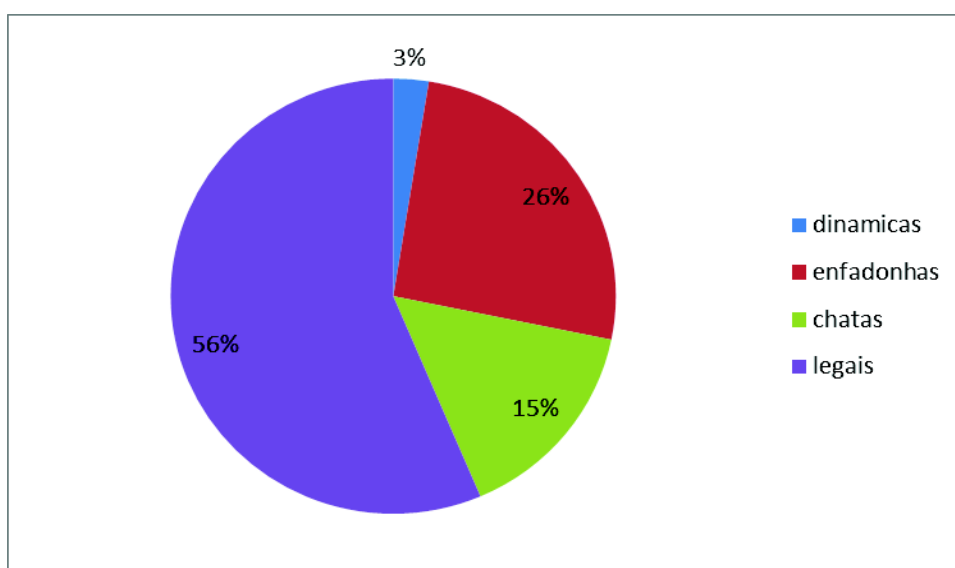
E₃: “Durmo, escuto músicas, assisto TV e filmes, leio”.

O tempo livre que os estudantes têm em grande parte fica destinado aos meios de comunicação como a televisão e a Internet, essa ultima impulsionada pelas redes sociais que se tornou ferramenta fundamental de comunicação, informação e entretenimento para as novas gerações de jovens.

Já quando questionados sobre a Escola, estrutura física e professores, os estudantes se mostram satisfeitos, dois fatores podem ser considerados importantes para a avaliação positiva em relação ao ambiente escolar, o primeiro é o excelente espaço físico que a Escola possui, com laboratórios de informática, química e multimídia, além de uma biblioteca com um grande acervo bibliográfico e o segundo fator é que grande parte do quadro de professores é efetivo com destaque para até dois vínculos empregatícios obtendo mais dedicação as turmas da escola.

Ao serem indagados sobre as aulas ministradas, (56%) consideraram as aulas legais, um percentual bastante considerável, já para (26%) as aulas são consideradas cansativas como pode-se ver no gráfico abaixo:

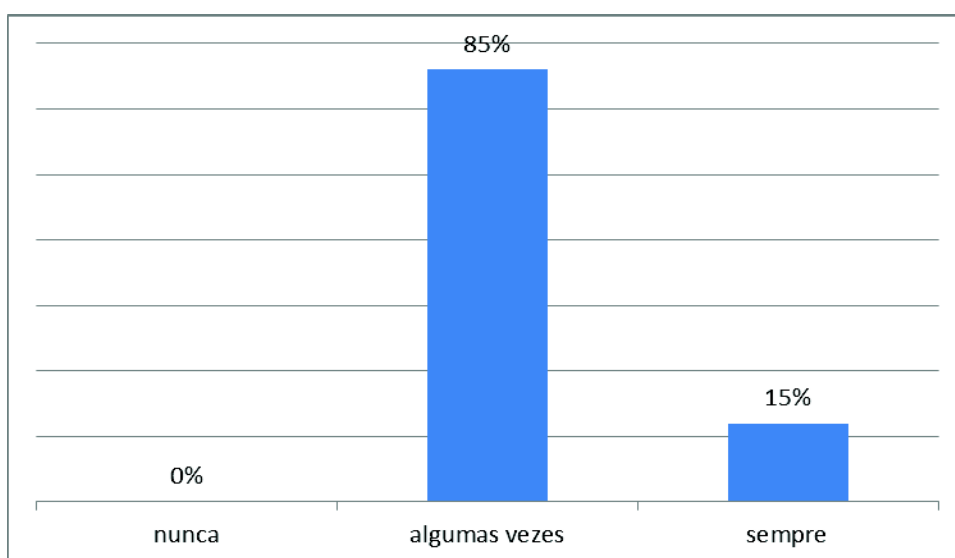
Gráfico 15: Qualidade das aulas avaliadas pelos estudantes pesquisados



Fonte: Artur Martins (2015)

Em relação aos recursos utilizados pelos professores como a sala de vídeo (multimídia) imagem 16, (85%) dos estudantes responderam que os professores utilizam esporadicamente; (15%) responderam que sempre e (0%) nunca. O que se percebe é que a utilização da sala de vídeo pelos professores está se tornando rotineira abrindo espaço para os vários recursos que ela pode dispor (filmes, slides, músicas).

Gráfico 16: Utilização da sala de vídeo pelos professores?

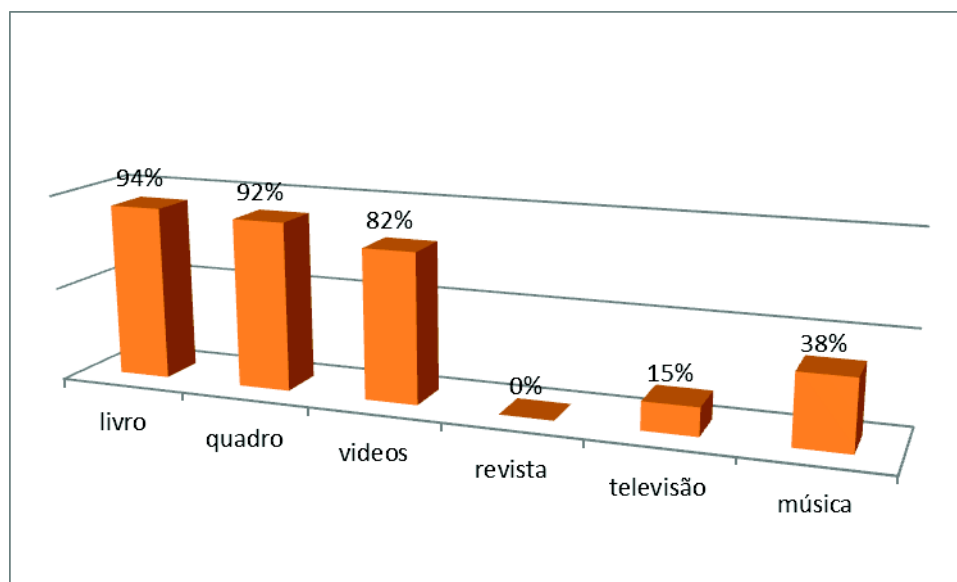


Fonte: Artur Martins (2015)

Quanto às ferramentas utilizadas pelos professores em sala de aula como (livro, quadro, vídeos, revista, televisão e músicas) os principais recursos continuam sendo ainda o livro didático e o quadro branco. O uso dessas últimas ferramentas como

predominantes mostra ainda uma predominância do conservadorismo das aulas tanto pela exigência do livro didático como também pela falta de planejamento das aulas pelos professores em alguns momentos. Na Figura 17 abaixo, um retrato dos recursos utilizados pelos professores em sala de aula segundo os estudantes.

Gráfico 17: Recursos utilizados em sala de aula pelos professores?



Fonte: Artur Martins (2015)

Nesse cenário apresentado percebe-se que a televisão (programação) é pouco inserida nas aulas. Apenas (15%) responderam que em algum momento ela é questionada ou abordada de forma coerente nas aulas. Geralmente as referências ficam presas aos programas da moda (reality show ou novelas) ou acontecimentos que fazem parte do noticiário policial que por inúmeras vezes tendem a banalizar a criminalidade. No contexto apresentado falta ainda uma ponte que interligue o que é visto na televisão com o que é ensino na Escola.

2.3.3 – 3ª Momento: O desenho animado na sala de aula e exercícios

Atualmente o desenho animado “Os Simpsons” é exibido na TV aberta pela emissora Bandeirantes (Band), mas também por emissoras de TV por assinatura. Ressaltando que por muitos anos o desenho animado foi exibido pela principal emissora de televisão do país, a Rede Globo.

Antes de passar o desenho animado para os estudantes assistirem foi dada uma aula em slides explicando os vários fatores de levar o desenho animado em si para a sala de aula, ver (Apêndice B). Foram apresentados os personagens e suas principais

características, como também o comportamento da família em relação as várias situações do dia a dia. Algumas curiosidades sobre o desenho foram apresentadas, exemplo: ser o primeiro desenho animado exibido em horário nobre na TV norte-americana, ganhar 18 prêmios Emmy como o mais concorrido da televisão americana e ser aclamado como melhor programa de TV no século 20, segundo a revista TIME, em 1999.

Após a breve apresentação sobre o desenho animado, os estudantes foram induzidos a assistir ao episódio “Feitiço da Lisa” que retrata o momento em que a família Simpson decide viajar para o Brasil. Questionados sobre a opinião que tinham em relação ao desenho animado “Os Simpsons”, os estudantes mostraram-se bastante receptíveis a forma como o desenho retrata a realidade cotidiana:

E₁: “É um desenho bastante crítico e aguçado, que mostra realmente a opinião deles em relação ao que pensam, sem ter medo do que vão pensar, falar ou achar”.

E₂: “O desenho é muito bom, pois é livre para se expressar sobre qualquer assunto com um olhar bem crítico”.

E₃: “Acho um desenho muito divertido, porém desagrada muitas pessoas, pelas suas constantes críticas”.

Para os estudantes a capacidade crítica do desenho animado é a sua principal qualidade mostrando que a liberdade de expressão é fundamental para a consolidação de pensamentos, ideias e até mesmo da democracia. Claro que algumas ressalvas são citadas, críticas a grupos religiosos fundamentalistas, grandes corporações, governantes ditatórias ou as minorias étnicas e temas polêmicos como drogas e violência torna o desenho mau quisto em muitos países do mundo. Sendo muitas vezes censurado ou até mesmo proibido de ser exibido nas emissoras de TV.

Ao falarem sobre a representação do Brasil no desenho ser coerente ou não, os estudantes partilharam das mesmas ideias:

E₁: “não, no exterior o Brasil é visto como um país onde quase tudo é legalizado, onde as drogas são permitidas, vivem de carnaval o ano inteiro e que não pensa em trabalhar, que esta visão está muito distorcida em relação à realidade”.

E₂: “o desenho é bem crítico, e só retrata problemas de todo país, o nosso tem também, todos os defeitos que o desenho mostra temos, mas o Brasil não é só aquilo”.

E₃: “não exatamente, porque eles querem passar que o Brasil é uniforme, é uma coisa só. Só que estão totalmente errados; pois o Brasil tem suas diversidades”.

Os estudantes se sentem representados no episódio do desenho, mas não concordam com os exageros atribuídos a cultura, ao povo. Já que uma grande caricatura é construída em volta dos hábitos, costumes e tradições proporcionando uma uniformização do Brasil. Como o episódio trata de temas polêmicos do Brasil que sempre são vinculados na mídia internacional isso cria uma visão errônea para quem vive fora do país. Perguntados sobre quais críticas o episódio fazia em relação ao Brasil o E₁ respondeu: falta de segurança, nudismo, criminalidade, pobreza, falta de infraestrutura, grande interesse pelo futebol e carnaval. Justamente os estereótipos que fazem parte do país e da identidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se analisar que o ensino de Geografia ao longo de sua constituição passou por um grande processo de transformação que proporcionou avanços nas formas metodológicas e didáticas de ensinar a disciplina em sala de aula. Enfrentar as barreiras estabelecidas pela Geografia Tradicional caracterizada pela capacidade de inutilizar seus conhecimentos ao cotidiano dos estudantes era fundamental para as conquistas posteriores da Geografia Crítica.

Portanto, para a sociedade moderna é fundamental uma Geografia que trate dos temas físicos e humanos de forma única valorizando e mostrando que o conhecimento não pode ser parcelado ou engessado, hoje as ações sociais e ambientais são dissociáveis. Dentro deste contexto novos recursos metodológicos e novas ferramentas didáticas podem abrir um leque de possibilidades para o ensino de Geografia.

Uma proposta para esse novo momento pode ser o uso da televisão como recurso metodológico dado sua importância no cenário nacional como importante meio de comunicação. O fácil acesso e o tempo relevante dado pelas crianças e adolescentes à programação televisiva não pode ser ignorada pelos professores de Geografia, principalmente àqueles que consideram utilizar da Geografia Crítica na sala de aula. Essa criticidade deve ser respaldada pelos conteúdos, conceitos e ideologias trabalhadas

no dia a dia da Escola como forma de desmascarar imagens e estereótipos pré-estabelecidos pela televisão.

Dentro do universo televisivo não pode-se esquecer dos desenhos animados que podem colaborar para um ensino mais atrativo, os desenhos animados fazem parte do primeiro contato das crianças e adolescentes com a televisão tratando de temas diversos que devem ter na figura do professor um guia para extrair os conhecimentos necessários para a sala de aula. No universo dos desenhos animados para o ensino de Geografia merece destaque o desenho animado “Os Simpsons”, sua capacidade satírica e crítica, sobre temas da atualidade ou situações da vida cotidiana propicia ensinamentos valiosos.

Quando apresentados ao episódio “Feitiço da Lisa”, momento em que “Os Simpsons” viajam e conhecem o Brasil, os estudantes tem uma oportunidade de perceber o país na visão de muitos estrangeiros, calcada em vários estereótipos de caráter social, cultural e natural que produz uma imagem uniforme do país que pode ser desconstruída e reformulada pelos mesmos.

Assim, deve-se unir o prazer de assistir televisão com a importância da educação ética e cidadã que as escolas devem proporcionar. Os estudantes são expostos diariamente a uma grande quantidade de informações que não é bem aproveitada ou passa por despercebida pela falta de criticidade e interpretação nas salas de aula.

Portanto, trazer o mundo televisivo e dos desenhos animados como “Os Simpsons” para as salas de aula possibilita aos estudantes conhecimentos interdisciplinares e cotidianos ligados aos conteúdos das grades curriculares de cada disciplina e principalmente da ciência geográfica.

REFERÊNCIAS

BIOGRAFIA EMILE REYNAUD. Disponível em:

<http://biografiaecuriosidade.blogspot.com.br/2013/06/biografia-de-emile-reynaud-o-inventor.html>. Acessado em: 15 de Abril de 2015.

CARLOS, Ana Fani A. **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTE, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

DADOS DA PNAD 2013. Disponível em: <http://www.teleco.com.br/pnad.asp>. Acessado em 12 de Outubro de 2014.

DADOS 2014 SOBRE A POPULAÇÃO DE CUITÉ – PB. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250510&search=||infr%Elficos:-informa%E7%F5es-completas>. Acessado em: 12 de Maio de 2015.

DUARTE, Rosália. **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez, 2008.

ENSINO MÉDIO INOVADOR (PROEMI). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?catid=195:seb-educacao_basica&id=13439:ensino-medio-inovador&option=com_content&view=article. Acessado em: 06 de Abril de 2015.

EPISÓDIO FEITIÇO DA LISA. Disponível em: http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Feiti%C3%A7o_de_Lisa. Acessado em: 11 de Abril de 2015.

ESTEREÓTIPO. Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociologia/estereotipo/>. Acessado em: 12 de Abril de 2015.

EXUPÉRY, Antoine de Saint. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2003. 1943.

FANTIN, Maria Eneida. **Metodologia do ensino de geografia**. Curitiba: Ibepex, 2012.

LIGUEM A TV: VAMOS ESTUDAR! Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/liguem-tv-vamos-estudar-431451.shtml>. Acessado em 15 de Abril de 2015.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Para onde vai o ensino de geografia?**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA, Renan Sabino de. **O uso da TV multimídia no ensino de Geografia**. Londrina, 2012.

PCNs. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/saeb/parametros-curriculares-nacionais>. Acessado em: 12 de Abril de 2015.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Geografia em Perspectiva**. São Paulo, Contexto, 2010.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCHA, Lurdes Bertol. BOMFIM, Natanael Reis. **As representações na geografia**. Bahia: Editus, 2012.

SALTO PARA O FUTURO: TV e Informática na Educação. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: SEED, 1998.

SITCOM. Disponível em: <http://respostasprontas.com/index.php?newsid=16144>
Acessado em: 20 de Abril de 2015.

TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE: CURSO DE EXTENSÃO PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DA REDE PÚBLICA. Unirede e Seed/MEC/Coordenação de Leda Maria Rangearo Fiorentini e Vânia Lúcia Quintão Carneiro. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª edição, 2002.

VESENTINI, Jose William. **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

APÊNDICE (A)

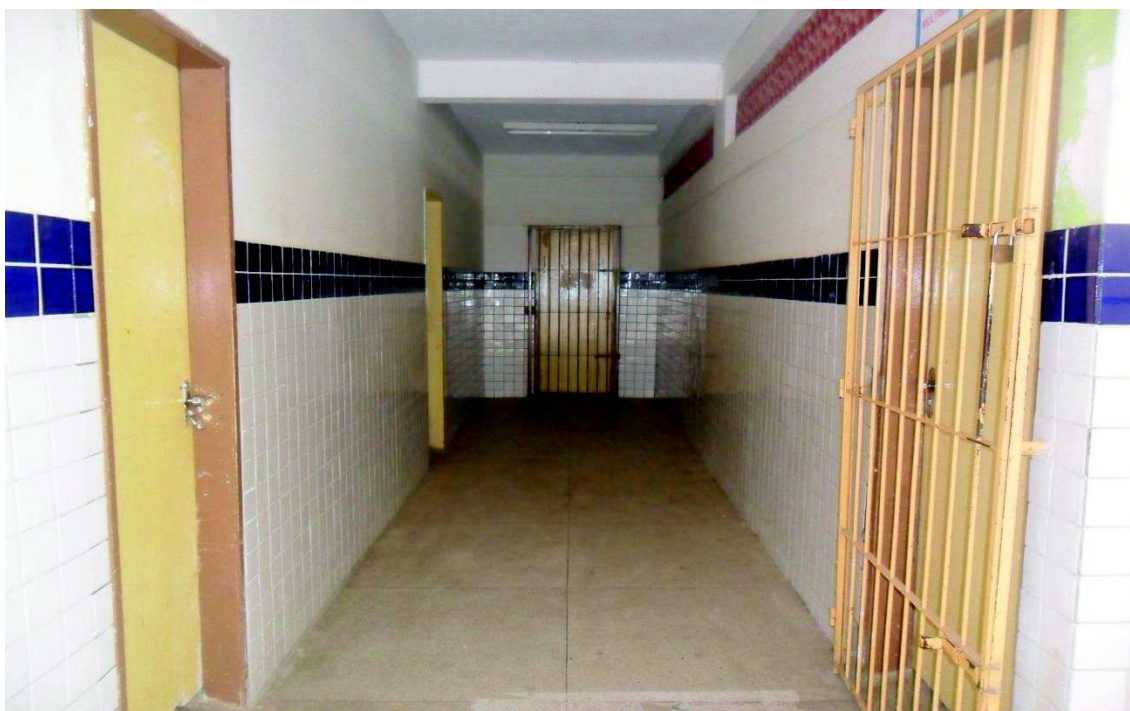
Apêndice: Fotos da estrutura física da E. E. E. M. I Orlando Venâncio dos Santos.

Foto: Salas de aula e bebedouro.



Fonte: Artur Martins (2015)

Foto: Sala de informática e Sala de multimídia.



Fonte: Artur Martins (2015)

. Foto: Sala de multimídia vista por dentro.



Fonte: Artur Martins (2015)

Foto: Biblioteca da Escola.



Fonte: Artur Martins (2015)

Foto: Biblioteca da Escola.



Fonte: Artur Martins (2015).

Foto: Cisterna de captação de água construída pelos estudantes



Fonte: Artur Martins (2015)

Foto: Mudas de arvores nativas do Bioma Caatinga do Projeto da Escola Repensando o Bioma Caatinga.



Fonte: Artur Martins (2015).

Foto: Horta escolar



Fonte: Artur Martins (2015)

Foto: Construção das novas salas de aula



Fonte: Artur Martins (2015)

Foto: Refeitório



Fonte: Artur Martins (2015)

Apêndice B e C – Questionários da pesquisa (Perfil Socioeconômico e Perfil Educacional).

APÊNDICE (B) – PERFIL SOCIOECONÔMICO

1. Nome: _____ 2.Série: _____
3. Sexo: ()feminino ()masculino 4.Idade: _____
5. Mora na: ()zona rural ()zona urbana
6. Trabalha: ()sim ()não
- 7.Função: _____ 8.Horário: _____
9. Número de familiares com quem mora: eu + _____ pessoas total: _____ pessoas
10. Renda familiar:
()menos de um salário mínimo () salário mínimo ()dois ou mais salários mínimos
- 11.Tem auxilio de programas do governo? ()sim ()não
- 12.Origem principal da renda:
()aposentadoria ()servidor público ()agricultura
()outros _____
13. Aparelhos que possui em casa:
()geladeira ()micro-ondas ()televisão ()dvd ()som
()computador ()parabólica () lavadora de roupas
()telefone fixo ()celular () Tablet
- 14.Tem acesso a internet: ()nunca ()algumas vezes por semana ()sempre
15. Onde? ()própria casa () celular ()lan house ()casa de amigos/familiares
- 15.Como costuma se divertir? Em que locais?

- 16.O que faz no tempo livre?

APÊNDICE (C) – PERFIL EDUCACIONAL

1. Já foi reprovado: () nunca () uma vez () mais de uma vez
2. Já leu livros: () nunca () apenas um () mais de um () vários
3. Frequenta a biblioteca: () nunca () pouquíssimas vezes () sempre
4. Pesquisas escolares são feitas na: () Biblioteca () Internet
5. Nos trabalhos: () copio da internet () leu e digito/escrevo o que entendi
() pago para alguém fazer () não costumo ler o que escrevo/digito 41
6. Os professores pedem para fazer pesquisas na biblioteca? () sim () não
7. Utilizam a sala de vídeo? () nunca () algumas vezes () sempre
8. Quais as disciplinas utilizam a sala de vídeo?

9. Utilizam o livro didático com que frequência?

() todas as aulas () poucas vezes () quase nunca

10. Quais as disciplinas mais utilizam o livro didático?

11. Tiveram alguma atividade fora da sala de aula? () sim () não

12. Com que disciplinas? Como foi?

13. Como você considera as aulas em geral:

() dinâmicas () enfadonhas () monótonas e chatas () legais

14. Como elas podem ser melhoradas?

15. Quais são os recursos utilizados em sala de aula pelos professores?

() livro didático () quadro branco () vídeos () revistas e jornais

() televisão () música () outros _____

16. Quais recursos você gostaria que fossem utilizados nas aulas?

17 Você já assistiu o desenho animado “Os Simpsons”? ()sim ou ()não

18° O que você acha do desenho?

APÊNDICE (D) EXERCÍCIO

1º Você acha que a televisão pode ser utilizada como um meio de educação?

2º Cite pontos positivos e negativos da televisão:

3º Já assistiu o desenho animado “Os Simpsons”? Qual a sua opinião em relação ao desenho?

4º Em relação ao episódio em que “os Simpsons” viajam para o Brasil, você acha que o nosso país é representado de forma coerente?

5º Quais são as críticas expressadas pelo desenho em relação ao Brasil?

6º Em sua opinião, qual é a visão dos estrangeiros em relação ao Brasil?

APÊNDICE (E) SLIDS AULA SOBRE A FAMÍLIA SIMPSON



Os Simpsons

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO: GEOGRAFIA
ARTUR MARTINS DA SILVA

- *(Os Simpsons no Brasil)* é uma famosa *sitcom* animada norte-americana criada por Matt Groening para a Fox. A série é uma paródia satírica do estilo de vida da classe média dos Estados Unidos, simbolizada pela família de mesmo nome, que consiste de Homer Jay Simpson, Marge Simpson, Bart Simpson, Lisa Simpson e Maggie Simpson. A série se passa na cidade de Springfield e satiriza a cultura e a sociedade norte-americana, a televisão e vários aspectos da condição humana.

O desenho

- Era a noite de 17 dezembro de 1989. Na TV americana, a recém-criada rede Fox estreava seu primeiro desenho animado em horário nobre.
- a série animada mais duradoura da história.
- já faturou 18 prêmios Emmy, o mais concorrido da televisão americana.
- foi aclamado como o melhor programa de TV no século 20, segundo a revista americana Time, em 1999.

Curiosidades



- O pai Homer, é um cidadão Norte-Americano comum, obeso, é o incompetente inspetor de segurança do *Seatr 7G* da Usina Nuclear de Springfield.
- Sua esposa Marge, é a dona de casa, tem 3 filhos com Homer são eles:
- O filho mais velho Bart, um garoto rebelde de dez anos, estudante levado da Escola Primária de Springfield.
- Lisa, garota prodígio, melhor aluna da Escola Primária de Springfield, Budista, vegetariana que adora tocar saxofone.
- E Maggie, filha mais nova, um bebê que não fala, extremamente inteligente que adora sua chupeta.
- Além deles tem seus mascotes: Ajudante de Papai Noel e Bola de neve II.

A série se passa em torno da família Simpson, uma típica família suburbana Norte-Americana.

